

METAVERSO

**A experiência humana sob
outros horizontes**

ENTREVISTAS

Rafael Zanatta

Paula Sibilía

Adriana Amaral

Francisco Pimenta

Moisés Sbardelotto

Phyllis Zagano

METAVERSO

A experiência humana sob outros horizontes

Mas afinal, o que é metaverso? De começo é preciso dizer que não há uma única definição nem um só criador do metaverso. Em linhas muito gerais, pode-se dizer que o metaverso é uma realidade digital, conectada à Internet, integrando elementos de redes sociais, realidade aumentada, gamificação e criptomoedas criando espaços de sociabilidade virtual.

O espaço é visto com interesse particular pelas grandes corporações, tanto que Mark Zuckerberg transformou o nome da controladora de suas empresas – *Facebook, Instagram e Whatsapp* – em *Meta*. Nesta edição da **IHU On-Line**, reunimos uma série de pesquisadores para pensar sobre diferentes dimensões do metaverso, incluindo aspectos que vão da cultura pop à teologia.

Rafael Zanatta, diretor da Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa, analisa as possibilidades e limites que esta nova tecnologia deve trazer para a convivência humana nos ambientes físicos e digitais.

Segundo **Paula Sibilia**, professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, fala sobre como o debate renovado sobre o metaverso apresenta algo que é totalmente novo.

A professora e pesquisadora da Unisinos **Adriana Amaral** analisa como obras da cultura pop tais como o filme *Matrix* projetam debates sobre as contradições do desenvolvimento tecnológico.

Francisco Pimenta, pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, aborda os desafios da promoção da cidadania no metaverso.

Moisés Sbardelotto, professor da PUC Minas, acredita que esse novo ambiente poderá ampliar as formas de viver a fé, mas também as tensões, para equalizar mais catolicismos diversos.

Phyllis Zagano, professora e pesquisadora na Universidade Hofstra, em Hempstead, no estado de Nova York, EUA, aborda questões atinentes ao metaverso e a religiosidade, debatendo questões de fundo, como o sacramento.

Na seção *Minha tese em quatro perguntas*, trazemos uma breve síntese da pesquisa de **Leila Sousa** intitulada *Aprender-sendo: cidadania comunicativa e existências comunicacionais de mulheres negras de Codó e Imperatriz, no Instagram*.

Apresentamos uma série de publicações do Cadernos IHU ideias destes últimos meses com as edições *Desbravar o futuro: A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk*, de Rodrigo Petronio; *A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero*, de Alberto Efendy Maldonado; *O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação*, de Luiz Inácio Gaiger; *“Ecologia com espírito dentro”*: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno, de Nicole Soares-Pinto; *O trabalho humano no magistério do Papa Francisco*, de André Langer; e *Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero*, de Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller.

A todas e a todos desejamos uma boa leitura!

Sumário

- 4 ■ Tema de capa | Rafael Zanatta: Metaverso: entre a possibilidade de uma existência estendida e a escravidão algorítmica
- 17 ■ Tema de capa | Paula Sibilia: Metaverso: entre planos e incertezas, o risco de uma “bolha sem fora”
- 24 ■ Tema de capa | Adriana Amaral: Metaverso e os devires de cultura em Matrix
- 33 ■ Tema de capa | Francisco Pimenta: Estética, ética e políticas universais: os desafios da promoção da cidadania no metaverso
- 43 ■ Tema de capa | Moisés Sbardelotto: Metaverso. Novas possibilidades e desafios para a Igreja
- 60 ■ Tema de capa | Phyllis Zagano: Metaverso e religiosidade. Limites e possibilidades de uma imanência virtual
- 65 ■ Minha Tese | Leila Sousa
- 66 ■ Publicações | Rodrigo Petronio: Desbravar o futuro: A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk
- 67 ■ Publicações | Alberto Efendy Maldonado A trajetória metodológica suscitadora de Jesús Martín-Barbero
- 68 ■ Publicações | Luiz Inácio Gaiger: O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação
- 69 ■ Publicações | Nicole Soares-Pinto: “Ecologia com espírito dentro”: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno
- 70 ■ Publicações | André Langer: O trabalho humano no magistério do Papa Francisco
- 71 ■ Publicações | Heloisa Allgayer e Rafael Hiller: Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero
- 72 ■ Outras edições

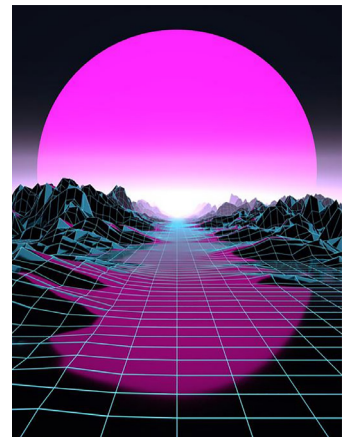


Imagem: Metaverse / Showmetech

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos
ISSN 1981-8769 (impresso)
ISSN 1981-8793 (on-line)

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Editor Executivo

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Redação

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Wagner Fernandes de Azevedo
(wfazevedo@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico e Diagramação

Ricardo Machado
Guilherme Tenher

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Wagner Fernandes de Azevedo, Isabela Bresciani Marina da Silva, Gabriel Reis e Fred Wichrowski.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Diretor Adjunto: Lucas Luz
Gerente Administrativo: Nestor Pilz

Metaverso: entre a possibilidade de uma existência estendida e a escravidão algorítmica

Rafael Zanatta traz a conceituação do metaverso, novo horizonte da Internet, e fala das possibilidades e limites que esta nova tecnologia deve trazer para a convivência humana nos ambientes físicos e digitais

Ricardo Machado



Imagem: Piqsels / CC

A palavra “metaverso” tem voltado ao vocabulário atual, sobretudo após o salto na comunicação por videochamadas e do trabalho remoto em decorrência da pandemia da Covid-19. “O conceito de metaverso é novo e pode ser definido como uma ideia de um universo digital compartilhado na nuvem, mesclando os elementos fisicamente presentes, por Realidade Aumentada, com espaços virtuais. Trata-se de algo distinto da Realidade Aumentada, no sentido que opera em camadas incrementais ao mundo físico”, explica o professor e pesquisador **Rafael Zanatta** concedeu uma entrevista por e-mail à revista **IHU On-Line**. “Ela possui três características fundamentais. Ela é imersiva, colaborativa e interativa”, complementa.

A questão política de fundo, o que torna todas as coisas no metaverso um pouco mais complexas, é uma certa agudização de nossa vulnerabilidade em ambientes digitais. “Suponha que você entre em uma reunião simulada em um escritório. No quadro, há três pinturas. Uma de Cildo Meirelles, uma de Tarsila do Amaral e uma de Jackson Pollock. O que seria possível dizer de uma pessoa que ignora Meirelles e Pollock e presta atenção em Tarsila, por alguns segundos antes da reunião começar? No metaverso, em tese, todas essas interações podem ser registradas, rotuladas, catalogadas, identificadas a certas preferências e proxies sobre desejos e comportamentos. Na próxima vez que você usasse um aplicativo de redes sociais, poderiam aparecer anúncios sobre objetos de decoração, com preços levemente maiores (e personalizados), a partir daquele input, explorando um desejo de forma sutil, induzindo um processo de compra”, problematiza o entrevistado.

Como se todas essas transformações não fossem suficientemente radicais, há ainda o desafio de pensar todas essas questões em um contexto global de profunda desigualdade. “O que precisamos desmascarar é essa falsa ideia de que existe uma ‘economia imaterial’ descolada da materialidade, como se toda a sociedade global pudesse se beneficiar de ‘trabalhos criativos e inteligentes’ e uma prosperidade abundante a todos. Essa é apenas uma das dimensões de desigualdades que essa discussão provoca”, postula.



Rafael Zanatta é diretor da Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa. É mestre pela Faculdade de Direito da USP e doutorando pelo Instituto de Energia e Ambiente da USP. Além disso também realizou mestrado em direito e economia pela Universidade de Turim e Alumni do Privacy Law and Policy Course da Universidade de Amsterdam. Research Fellow da The New School (EUA). Membro da Rede Latino-Americana de Vigilância, Tecnologia e Sociedade - Lavits. Membro do Instituto Brasileiro de Responsabilidade Civil - Iberc.

Confira a entrevista.

IHU – O que é metaverso? Há no campo jurídico há alguma discussão relativa ao metaverso?

Rafael Zanatta – O conceito de metaverso é novo e pode ser definido como uma ideia de um universo digital compartilhado na nuvem, mesclando os elementos fisicamente presentes, por Realidade Aumentada, com espaços virtuais. Trata-se de algo distinto da Realidade Aumentada, no sentido que opera em camadas incrementais ao mundo físico.

O projeto History of Computing define o metaverso como “a coleção de todos os mundos conectados pelo espaço físico”, como uma coleção dos mundos virtuais e camadas de Realidade Aumentada. Ela possui três características fundamentais. Ela é imersiva, colaborativa e interativa.

Não há definições jurídicas sobre o metaverso, pois, no momento, ele é uma versão conceitual do futuro da Internet, contendo a conexão e interligação entre mundos 2D, 3D e de Realidade Aumentada, apresentadas de forma persistente e compartilhada. Seria muito cedo para uma definição conceitual. Nós não conseguimos nem mesmo chegar a um acordo sobre o conceito jurídico de tecnologias automatizadas de reconhecimento facial, mesmo após anos de discussões e tensões sociais em torno da utilização dessas tecnologias.

Pode ser mais prático entender o metaverso por suas consequências. De acordo com essa visão conceitual, uma pessoa seria capaz de manipular objetos virtuais utilizando dispositivos de rastreamento de movimentos, como pulseiras inteligentes. Por meio desses dispositivos, seria possível, por exemplo, participar de uma reunião por meio de seu avatar, interagindo em uma realidade simulada, como uma sala de reunião, com a presença de colaboradores, que estariam, por sua vez, conectados em suas próprias casas, sem a presença física. Evidentemente que a pandemia da Covid-19 aqueceu fortemente esse tipo de proposta conceitual, especialmente pelas possibilidades de soluções ao trabalho virtual e a colaboração entre times para além de uma experiência de aplicativos como Zoom.

Computação ubíqua

Em termos de ambição, ela relembra o ideário de computação ubíqua e Ambiente Inteligente anunciado em 1991 por engenheiros, em Palo Alto (EUA), que ambicionavam uma disseminação completa dos computadores no ambiente, tornando-os imperceptíveis, interligados uns aos outros, permitindo um grande fluxo de informação. Trinta anos atrás,

acreditava-se que estaríamos tão cercados de microcomputadores (uns ligados aos outros e conectados à Internet) que nem perceberíamos a presença da computação.

Evidentemente que esse ideário não se concretizou, como bem lembra a filósofa Mireille Hildebrandt¹, mas as preocupações sobre os impactos do Ambiente Inteligente permanecem. Ainda não temos centenas de computadores em nossas casas, acopladas em nossas mesas, lâmpadas, portas, geladeiras e máquinas de café. De fato, nem é certo que teremos energia elétrica sustentável para manutenção dessa computação. Ainda enfrentamos problemas estruturais brutais de pessoas marginalizadas, sem acesso a computadores ou mesmo casas com saneamento básico. Não há razões para o Congresso de qualquer República discutir metaverso quando há problemas de desigualdade e violação de direitos fundamentais no nível mais básico.

É preciso, portanto, compreender a lógica corporativa que anuncia o metaverso como futuro da Internet justamente para poder constituí-lo enquanto projeto empresarial, explorando fronteiras ainda mais novas do capitalismo cognitivo e imaterial. O mesmo tipo de ceticismo e olhar crítico pode ser aplicado ao metaverso. Trata-se de uma visão conceitual sobre uma possibilidade sociotécnica. Por tal motivo, deve ser visto também pelas lentes das lógicas discursivas que tentam apresentar construir novos mercados, na medida em que introduzem novos projetos sobre tecnologia e sociedade. Há livros importantes sobre essa relação, como as obras críticas como *Smart Cities*. Relembro, em especial, o livro *A Cidade Inteligente* (São Paulo: Editora Ubu, 2019) de Evgeny Morozov² e Francesca Bria³, publicado pela editora Ubu, que faz justamente essa crítica ao modo como existe uma economia política, fortemente corporativa, na introdução do conceito de *Smart Cities*.

IHU – Facebook e Microsoft veem o investimento em tecnologias voltadas ao metaverso como a futura “galinha dos ovos de ouro”. Trata-se de uma nova investida do capitalismo de vigilância para ganhar mais dinheiro ou da possibilidade de ampliar a liberdade humana no contexto digital?

Rafael Zanatta – Essa é uma questão complexa, pois envolve, também, a lógica de reconstrução permanente da economia imaterial e do capitalismo cognitivo, que buscam explorar aspectos ligados à subjeti-

1 Mireille Hildebrandt (1958); é uma advogada e filósofa holandesa que trabalha na interseção entre o direito e a ciência da computação. É pesquisadora em 'Interfacing Law and Technology' na Vrije Universiteit Brussel no Instituto de Computação e Ciências da Informação (iCIS) da Radboud University Nijmegen. (Nota da IHU On-Line)

2 Evgeny Morozov (1984); é um pesquisador e escritor bielorrusso, estudioso das implicações políticas e sociais do progresso tecnológico e digital. Morozov é conhecido por sua posição cética em relação ao potencial democratizante, emancipatório ou antitotalitário da Internet. Contrapõe-se, portanto, ao otimismo triunfalista que caracterizou o ciberativismo até o início dos anos 2000. (Nota da IHU On-Line)

3 Francesca Bria: Economista da inovação e especialista em política digital, trabalhando na interseção de tecnologia, geopolítica, economia e sociedade. É presidente do Fundo Nacional de Inovação da Itália e professora honorária do Instituto de Inovação e Propósito Público da UCL em Londres e Conselheira Sênior em Cidades Digitais e Direitos Digitais para as Nações Unidas. Foi incluída pela revista Forbes com uma das 50 mulheres em tecnologia no ano de 2018. (Nota da IHU On-Line)

vidade, como emoções, vontades, desejos e afetividades. Isso foi muito bem notado por André Gorz⁴, no livro *O Imaterial* (São Paulo: Anablume, 2021), que observou não apenas uma guinada do capital imaterial como um meio de produzir consumidores (produzindo desejos, vontades de imagens de si e dos estilos de vida, pessoas que são “incansáveis máquinas de felicidade”) mas também a introdução de uma socialização anti-social, apelando à imaginação e ao desejo de cada um, e não de todos.

O capitalismo imaterial opera no talhamento de consumidores que são individuais por definição. Como dizia Gorz, eles são o “antídoto à expressão coletiva de necessidades coletivas” e “à preocupação com o bem comum”. Gorz escreveu isso em 2005, antes da explosão do Twitter, YouTube, Instagram e TikTok, aplicações que levaram a lógica do indivíduo narcísico a um novo patamar (algo também observado por Byung Chul Han⁵ de forma magistral nos últimos anos).

Gorz havia percebido como o capitalismo cognitivo promete a cada um escapar à condição comum tornando-o um “feliz privilegiado” que pôde oferecer a si mesmo algo melhor, mais raro, distinto, único. Essa é uma das características do capitalismo imaterial, que assume feições muito distintas do fordismo. Isso também foi percebido por Adam Curtis⁶, em documentário *The Century of The Self*, produzido há vinte anos, que destacava a manipulação do consumidor por técnicas de marketing e produção de subjetividade. Não é sem razão que a indústria da publicidade encontra-se acoplada com a economia das aplicações de Internet. A retroalimentação entre produção de subjetividade, economicização da vida, coleta de dados (que permitem inferir estados emocionais) e manipulação do inconsciente para engajamento e consumo é enorme.

O que Shoshana Zuboff⁷ faz, com a introdução do conceito de “capitalismo de vigilância”, é buscar sentido nessa lógica econômica que se volta ao futuro, à possibilidade de behavioral surplus, à eficiência da probabilidade skinneriana de indução de um comportamento por estímulos e feedbacks. Não é uma análise sociológica sobre modos de vigilância, é um estudo de economia política com a introdução de artefatos conceituais que nos permi-

4 André Gorz (1923 — 2007) : filósofo austríaco radicado na França desde 1948. Escreveu 16 livros, dos quais vários traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982), *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica* (São Paulo: Anablume, 2003) e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível* (São Paulo: Anablume, 2004). A IHU On-Line realizou entrevista com Gorz, publicada parcialmente na 129ª edição da revista IHU On-Line, de 02-01-2005,, disponível em <http://bit.ly/2K-76b5i>, e na íntegra no número 31 dos Cadernos IHU Idéias, com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*, disponível em <http://bit.ly/2KhBUN5>. Sobre André Gorz também pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de André Langer, publicado nos Cadernos IHU n.º 5, de 2004, disponível em <http://bit.ly/2lrsM6W>. (Nota da IHU On-Line)

5 Byung-Chul Han (1959): pensador sul-coreano, teórico cultural e professor da Universidade de Artes de Berlim. É o autor de dezesseis livros, dos quais os mais recentes são tratados sobre o que ele chama de “sociedade do cansaço” (*Müdigkeitsgesellschaft*), uma “sociedade da transparência” (*Transparenzgesellschaft*) e seu conceito neologista de shanzhai , que procura identificar modos de desconstrução nas práticas contemporâneas do capitalismo chinês. O trabalho atual de Han se concentra na transparência como uma norma cultural criada pelas forças do mercado neoliberal , que ele entende como o impulso insaciável para a divulgação voluntária que beira o pornográfico. Segundo Han, os ditames da transparência impõem um sistema totalitário de abertura à custa de outros valores sociais, como vergonha, sigilo e confiança. (Nota da IHU On-Line)

6 Adam Curtis (1955): é um documentarista inglês. Foi um produtor de documentário para a BBC durante os anos 1980 e início dos anos 1990. O lançamento de *Pandora’s Box* (1992) marcou a introdução da apresentação distinta de Curtis que usa colagem para explorar aspectos da sociologia, psicologia, filosofia e história política. Seu estilo foi descrito como envolvendo “digressões whiplash, atmosfera ameaçadora e partituras arpejadas, e a compilação quase psicodélica de imagens de arquivo”, narrada pelo próprio Curtis com “economia e afirmação patricias”. Os filmes de Curtis ganharam quatro BAFTAs. (Nota da IHU On-Line)

7 Shoshana Zuboff (1951): é professora aposentada pela Harvard Business School. Uma das primeiras mulheres a ser professora titular na Harvard Business School, é Ph.D. em psicologia social da Universidade de Harvard e bacharel em filosofia pela Universidade de Chicago. (Nota da IHU On-Line)



```
sources["img"] = false)
<img alt="Logo" data-bbox="0 0 100 100"/>
```

```
res_dir=$res[ picture_preview ] $uploader
function
show_full_info($permit,$id,$cat)
{ $REQUEST_URLS
```

```
elseif($subcat=)
$sql_addition="
where subcat=0";
$style[display
```

```
if ($subcat=)
{ $sql_addition="
where subcat=0";
$style[display
```

```
NOTE
```

URLS

tam compreender melhor o que se passa. E não somente ela. O trabalho de Morozov sobre extrativismo digital, capitalismo dadocêntrico e modulação comportamental tem preocupações semelhantes, bem como as análises do filósofo estadunidense Jaron Lanier e sua “teoria BUMMER” (“Behaviours of Users Modified, and Made into an Empire for Rent”).

O problema é o modo silencioso e a exploração da vulnerabilidade humana em sentido psicológico em sistemas de computação em nuvem acoplados com camadas de Realidade Aumentada e dispositivos de interatividade. Suponha que você entre em uma reunião simulada em um escritório. No quadro, há três pinturas. Uma de Cildo Meireles⁸, uma de Tarsila do Amaral⁹ e uma de Jackson Pollock¹⁰. O que seria possível dizer de uma pessoa que ignora Meireles e Pollock e presta atenção em Tarsila, por alguns segundos antes da reunião começar? No metaverso, em tese, todas essas interações podem ser registradas, rotuladas, catalogadas, identificadas a certas preferências e proxies sobre desejos e comportamentos. Na próxima vez que você usasse um aplicativo de redes sociais, poderiam aparecer anúncios sobre objetos de decoração, com preços levemente maiores (e personalizados), a partir daquele input, explorando um desejo de forma sutil, induzindo um processo de compra. Um outro exemplo ilustrativo. Suponha que, durante a reunião operacionalizada no metaverso, aparecesse diferentes pessoas andando de bicicleta na janela, em um momento de concentração de atenção. O sistema é projetado para testar diferentes corpos humanos, pedalando em diferentes modelos de bicicleta. Para qual você olharia e desviaria sua atenção? O que seria possível inferir sobre algo que desloca sua atenção?

Por ser um sistema bastante sofisticado de imersão, interatividade e colaboração, as possibilidades de inferências são muitas. As técnicas de perfilação de plataformas como Instagram talvez parecerão arcaicas e rudimentares perto das possibilidades de trabalho virtual em projetos conceituais de metaverso. Seria possível identificar reações a músicas ambientes, estímulos visuais (e mensurações por tempo de eyeball), transformando a vivência em laboratório permanente de mensuração. Para mercados centrados em perfilação, produção de subjetividades e governança algorítmica, trata-se de um prato cheio. O ensaio recente de Ronaldo Lemos¹¹ na *Ilustríssima* da Folha de São Paulo sobre “A Grande Ruptura” explora muito bem como a fronteira do

8 Cildo Meireles (1948): é um escultor e pintor brasileiro. Conhecido internacionalmente, Cildo cria os objetos e instalações que diretamente levam o observador em uma experiência sensorial completa, questionando, entre outros temas, a ditadura militar no Brasil (1964 - 1985) e a dependência do país na economia global. (Nota da IHU On-Line)

9 Tarsila do Amaral (1886-1973): pintora brasileira. Foi a pintora mais representativa da primeira fase do movimento modernista brasileiro, ao lado de Anita Malfatti. Seu quadro *Abopuru*, de 1928, inaugura o movimento antropofágico nas artes plásticas. (Nota da IHU On-Line)

10 Jackson Pollock (1912-1956): pintor expressionista abstrato americano. De suas obras, destacamos *Ocean Greyness* (1953) e *Convergence* (1947). (Nota da IHU On-Line)

11 Ronaldo Lemos (1976): é um advogado, professor e pesquisador brasileiro respeitado internacionalmente, especialista em temas como tecnologia, mídia e propriedade intelectual. É professor da cadeira de Direito da Informática da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Foi nomeado professor visitante da Universidade Columbia (EUA) em janeiro de 2017. É Diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro e diretor do Creative Commons Brasil. É sócio do escritório Rennó Pentead Advogados, coordenando a área de mídia e propriedade intelectual. Lemos foi um dos principais criadores do Marco Civil da Internet. Em maio de 2020 Lemos tornou-se um dos 20 membros inaugurais do Conselho de Supervisão do Facebook (Facebook Oversight Board). (Nota da IHU On-Line)

capitalismo contemporâneo está no interesse em impactar a experiência emocional dos usuários (que ele chamou de usuados) e na percepção de realidade.

IHU – Até que ponto leis brasileiras como o Marco Civil da Internet e a Lei Geral de Proteção de Dados, entre outras, estão atentas a estas futuras mudanças que podem ocorrer?

Rafael Zanatta – Precisamos discutir elementos mais centrais de desigualdades, vulnerabilidades, assimetrias de poderes e discriminação abusiva. Esses são elementos que estão sim presentes, de forma principiológica, no Marco Civil da Internet e na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Mas, evidentemente, oferecem uma resposta muito limitada para identificarmos a natureza do problema e o que pode ser feito a respeito, em nível coletivo.

As questões são muito mais importantes e grandiosas do que meras tecnicidades de regulação econômica e direitos digitais. A problemática demanda a presença constante de filósofos(as) nos debates, de engenheiros filósofos e de interseções entre psicologia, sociologia e antropologia. Abre-se, também, uma discussão sobre como podemos ser “re-engenheirados” (como dizem os filósofos Evan Selinger¹² e Brett Frischmann¹³ no importante livro *Re-Engineering Humanity* [Cambridge: Cambridge University Press, 2018]), em detrimento dos valores básicos de agência, autonomia e liberdade. Seria absurdo limitar a grandeza dessas discussões ao campo jurídico no sentido de aplicação correta das leis existentes. Woodrow Hartzog¹⁴ e Neil Richards¹⁵ colocam essa questão com muita clareza. A proteção de dados pessoais possui uma natureza procedimental que tende a legitimar os processos de tratamento de dados. É preciso retomar uma discussão sobre o “momento constitucional da privacidade” no sentido de centralidade da dimensão de poder e dos direitos civis na era digital.

Evidentemente que há contramovimentos jurídicos importantes a serem feitos -- filósofas como Julie Cohen¹⁶ e Mireille Hildebrandt problematizam uma agenda mais abrangentes de legal protection by design e

12 Evan Selinger: professor de filosofia no Rochester Institute of Technology e bolsista afiliado do Centro de Direito, Inovação e Criatividade da Northeastern University. Suas pesquisas articulam filosofia da tecnologia. Minhas áreas de especialização são ética em tecnologia, incluindo Inteligência Artificial e privacidade. (Nota da IHU On-Line)

13 Brett Frischmann: professor de Direito, Negócios e Economia da Universidade Charles Widger Endowed University, bolsista afiliado do Center for Internet and Society da Stanford Law School e curador do Nexa Center for Internet & Society, Politecnico di Torino. Ele ministra cursos de propriedade intelectual, legislação da Internet e política de tecnologia. (Nota da IHU On-Line)

14 Woodrow Hartzog: professor no College of Computer Sciences, onde ensina questões de privacidade e proteção de dados. Sua pesquisa se concentra em questões jurídicas e políticas relacionadas à privacidade, tecnologias digitais e inteligência artificial. (Nota da IHU On-Line)

15 Neil Richards: é especialista em lei de privacidade, lei de informação e liberdade de expressão. Escreve, ensina e dá palestras sobre a regulamentação das tecnologias movidas por informações humanas que estão revolucionando nossa sociedade. (Nota da IHU On-Line)

16 Julie Cohen: ensina e escreve sobre vigilância, privacidade e proteção de dados, propriedade intelectual, plataformas de informação e as formas como as tecnologias de informação e comunicação em rede estão remodelando as instituições jurídicas. É autora de *Between Truth and Power: The Legal Constructions of Informational Capitalism* (Oxford University Press, 2019), *Configuring the Networked Self: Law, Code, and the Play of Everyday Practice* (Yale University Press, 2012). (Nota da IHU On-Line)

delimitação de uma infraestrutura para construção da personalidade em constantes fluxos de recomposição e renegociação mediadas pela tecnologia e pelo social, sem sermos estigmatizados pela projeção do que somos --, mas o ponto é que as discussões vão muito além de proteção de dados pessoais. Em um ensaio escrito com Davi Teófilo¹⁷ e Pedro Martins¹⁸, chamamos esse processo expansivo de constitucionalização da proteção de dados no sentido de uma conexão mais intrínseca com a gramática dos direitos fundamentais e os valores de nossa comunidade política.

IHU – Como desenvolvimentos tecnológicos e seus desdobramentos, tais como o metaverso, mas não somente, acentuam ainda mais a desigualdade?

Rafael Zanatta – Há uma série de pensadores do Sul Global, como Jack Qiu¹⁹ e Rafael Grohmann²⁰, explorando a dimensão do trabalho nas economias imateriais, especialmente na dimensão de classes de um novo tipo de trabalhadores(as) das indústrias de I.A., que podem variar de trabalhadores(as) inseridos na dimensão do extrativismo material que dá sustentação a essas tecnologias (e.g. trabalhadores de campos de minério e nas corporações extrativistas que oferecem as matérias primas dos aparatos e dispositivos tecnológicos, como ocorre na Bolívia e muitos países latino-americanos) quanto trabalhadores de trabalhos manuais de assistência a sistemas computadorizados.

Com a sociedade em rede e o capitalismo imaterial, se articulam relações de classe específicas que acentuam processos de desigualdades constituídos historicamente. Na Inteligência Artificial do Sul Global, isso se revela por trabalhadores que dão suporte à infraestrutura fabril que permite a existência de algo como a Siri, da Apple, que depende de um conjunto de relações de produção e de trabalho em fábricas como da Foxconn. Além disso, como mostra a pesquisa de Jack Qiu, a China é uma fábrica global também pelo trabalho intensivo de tagueamento e classificação de imagens para machine learning, alimentação de bancos de dados e “trabalhos semi-escravos”, por assim dizer, de trabalho não inteligente. São trabalhos precários. Tagging labour, “trabalhos de clique” e todos os tipos de trabalho que ocorrem para aprimoramento das técni-

17 Davi Teófilo: Estudante de Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Compôs a equipe de coordenação do GNET – Grupo de Estudos Internacionais de Propriedade Intelectual, Internet e Inovação no ano de 2017. Atualmente é pesquisador do Instituto de Referência em Internet e Sociedade (IRIS) e pesquisador fundador do grupo de pesquisa DTI – Direito, Tecnologia e Inovação. (Nota do IHU On-Line)

18 Pedro Bastos Lobo Martins: Mestrando em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, com interesse nas áreas de Direito e tecnologia, proteção de dados e direito à privacidade. (Nota do IHU On-Line)

19 Jack Linchuan Qiu: é professor da Escola de Jornalismo e Comunicação da Universidade Chinesa de Hong Kong, onde atua como diretor do C-Center (Centro de Pesquisa em Mídia Chinesa e Comunicação Comparada). Suas publicações incluem *Goodbye iSlave* (U of Illinois Press, 2016), *World Factory in the Information Era* (Guangxi Normal University Press, 2013), *New Media Events Research* (Renmin U Press, 2011), *Working-Class Network Society* (MIT Press, 2009), *Mobile Communication and Society* (coautoria, MIT Press, 2006), algumas das quais foram traduzidas para alemão, francês, espanhol, português e coreano. Também trabalha com ONGs de base e fornece serviços de consultoria para organizações internacionais. Apresentou no XIX Simpósio do IHU. *Homo digitalis a conferência Inteligência artificial e capitalismo digital na China pré e pós pandemia de Covid-19* disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5G0BECO3ZGo>. (Nota do IHU On-Line)

20 Rafael Grohmann: é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP, é criador e editor da newsletter *DigiLabour*. Entre os livros publicados, está *As Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista* (São Paulo: Atlas, 2013). (Nota do IHU On-Line)

cas de aprendizado de máquinas e limpeza de bancos de dados. Não há inteligência artificial sem esse tipo de trabalho de clique, como argumenta também Antonio Casilli²¹.

Da perspectiva da dimensão do trabalho, isso opera como um redimensionamento das relações centro-periferia, porém qualificado por essas “materialidades do trabalho digital”, utilizando aqui a expressão de Rafael Grohmann. O que precisamos desmascarar é essa falsa ideia de que existe uma “economia imaterial” descolada da materialidade, como se toda a sociedade global pudesse se beneficiar de “trabalhos criativos e inteligentes” e uma prosperidade abundante a todos. Essa é apenas uma das dimensões de desigualdades que essa discussão provoca.

Há, ainda, inúmeras outras dimensões de desigualdades, supressão de diversidades e formatação de visões de mundo a um padrão único dominante, o que abre inúmeras discussões para minorias e justiça social. Recentemente participei de um encontro com pesquisadores canadenses sobre Inteligência Artificial e discutimos como seria possível justiça social em códigos, automações e programações que implantam uma lógica Ocidental e uma gramática única, tendente a conceitos unívocos para descrição das “coisas” em sociedades multiculturais e plurinacionais. Isso é absolutamente problemático quando se pensa nas cosmovisões indígenas. Em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019), Ailton Krenak é certo nesse ponto ao mostrar como que os Krenaks e os brancos pensam de forma distinta sobre o que é uma montanha. Mas classificar a montanha de um modo, atribuir a ela um significado único de “recurso natural” descolado do homem, já é uma imposição de poder de uma sociedade específica, em detrimento a outros povos que pensam de forma distinta. Quando as tecnologias operam essas novas formas de intermediação sobre a realidade, abre-se um conjunto de reflexões importantes sobre essas relações, que também estão conectadas com desigualdades, apesar de pouco discutidas.

IHU – Um argumento rasteiro, mas comum é o de que se as pessoas estão nas redes sociais não teriam porquê exigirem o direito à privacidade. Em que sentido isso é uma falácia?

Rafael Zanatta – Um livro que se dedica a desmontar essa falácia é *Privacidade é Poder* (São Paulo: Contracorrente, 2021), da Carissa Véliz²², traduzido no Brasil por Samuel Rodrigues (um autor importante no debate sobre reconhecimento facial no Brasil) e publicado pela editora Contraponto. Acredito que há inúmeras inconsistências nessa argumen-

21 Antonio Casilli: é professor titular de Sociologia da Telecom Paris, a escola de telecomunicações do Institut Polytechnique de Paris, e pesquisador do Interdisciplinary Institute on Innovation (i3). Também é pesquisador associado do LACI-IIAC (Centro de Antropologia Interdisciplinar Crítica da École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais). Além disso, é membro do corpo docente do Nexa Center for Internet and Society (um instituto da Universidade Politécnica de Torino). (Nota da IHU On-Line)

22 Carissa Véliz: é professora associada da Faculdade de Filosofia e do Instituto de Ética em Inteligência Artificial, bem como Tutorial Fellow no Hertford College, na Universidade de Oxford. Trabalha com temas ligados à ética digital (com ênfase em privacidade e ética de IA), ética prática de forma mais geral, filosofia política e políticas públicas. Tem interesse em filosofia da mente. (Nota IHU On-Line)

“O problema é o modo silencioso e a exploração da vulnerabilidade humana em sentido psicológico em sistemas de computação em nuvem acoplados com camadas de Realidade Aumentada e dispositivos de interatividade”

tação. A primeira é que a utilização desses serviços não é mais luxo. É uma necessidade imposta pelas condições estruturais de sociabilidade e vida econômica. É impossível para um “empreendedor de si mesmo”, como dizem os sociólogos, não utilizar Instagram, YouTube, Twitter, etc. Com a pandemia, a digitalização e a datificação ocorreram à força e são poucos os que podem se dar ao luxo -- como faz o Yuval Harari²³ -- de não utilizar essas redes. Não é pequeno, também, o número de escolas totalmente dependentes de aplicações de internet e redes sociais para operacionalizar disseminação de conteúdo de natureza educacional. Nesse cenário, é difícil dizer se alguém escolhe estar ou não estar.

A segunda inconsistência é uma visão comodificada da privacidade e dos dados pessoais, como se fossem um bem que pudesse ser alienado, trocado, abdicado. Há uma literatura enorme sobre limites morais dos mercados que apresenta uma argumentação robusta sobre a inviabilidade social desse tipo de visão, em defesa de uma noção dignitária sobre direitos da personalidade (Margareth Radin²⁴, Marc Rotenberg²⁵ e Stefano Rodotà²⁶ são apenas alguns exemplos). Nos EUA, esse debate sempre ressurge, década após década, desde as formulações economicistas sobre trade-off feitas por juristas de análise econômica do direito da década de 1970, como Richard Posner²⁷. Mas mesmo intelectuais de peso da análise comportamental do direito, como Cass Sunstein²⁸, reconhecem que certos tipos de direitos não são cabíveis em análise custo-benefício

23 Yuval Noah Harari (1976) professor israelense de História e autor do best-seller internacional *Sapiens: Uma breve história da humanidade* e também do *Homo Deus – Uma Breve História do Amanhã*. Ele leciona no departamento de História da Universidade Hebraica de Jerusalém. (Nota da IHU On-Line)

24 Margaret Jane Radin (1941): professora emérita de Direito na Escola de Direito da Universidade de Michigan. Radin é bem conhecida por desenvolver o conceito de inalienabilidade de mercado, um termo que ela cunhou para se referir a quais tipos de coisas não devem ser negociadas nos mercados. (Nota da IHU On-Line)

25 Marc Rotenberg: presidente e fundador do Center for AI and Digital Policy, uma organização independente sem fins lucrativos, constituída em Washington, DC. Nota da IHU On-Line)

26 Stefano Rodotà (1933–2017): foi um jurista e político italiano. (Nota da IHU On-Line)

27 Richard Allen Posner: é um jurista dos Estados Unidos. Formou-se em letras por Yale em 1959 e em direito por Harvard em 1962. Depois de formado, trabalhou na Suprema Corte dos EUA assistindo o Justice (equivalente a ministro do STF brasileiro) William Brennan, Jr., entre 1962 e 1963; depois, na Comissão Federal de Comércio (órgão regulador da concorrência), e com o procurador-geral dos EUA, Thurgood Marshall. (Nota da IHU On-Line)

28 Cass Robert Sunstein (1954): é um advogado norte-americano, particularmente nas áreas de direito constitucional, direito administrativo, direito ambiental e direito e economia comportamental, que era o Administrador do Escritório da Informação da Casa Branca e Regulatory Affairs na administração Barack Obama de 2009 a 2012. Por 27 anos, Sunstein ensinou na Faculdade de Direito da Universidade de Chicago. Sunstein é o atual professor da Universidade Harvard. (Nota da IHU On-Line)

e relações de trade-off. Em *Valuing Life* (Chicago: University of Chicago Press, 2014), por exemplo, Sunstein apresenta esse argumento sobre a privacidade. É um direito profundamente conectado a um conjunto de outros valores centrais da vida cívica e social. A privacidade possui um valor social e político, sempre. A privacidade conecta-se às estruturas sociais de uma sociedade e aos valores constitucionais. E por estar profundamente ligada à autonomia e por fornecer condições psicológicas de desenvolvimento intelectual e cívico -- como argumentou Alan Westin²⁹ e argumenta hoje Julie Cohen -- é um direito de feição política, de dimensão coletiva. Daí a importância em refutar um atomismo metodológico e possessivo que ainda domina parte das análises intelectuais.

No Brasil, nossa tradição jurídica é muito bem construída em torno das noções de direitos da personalidade. O direito do consumidor, que também foi uma profunda revolução no pensamento liberal do século XX, também trouxe à tona a problemática da vulnerabilidade nas relações de consumo, a dinâmica desigual dos contratos de adesão e o esforço social em reequilibrar práticas abusivas em torno das noções de boa-fé e transparência (graças ao trabalho de pessoas como Claudia Lima Marques³⁰, Antonio Herman Benjamin³¹, Bruno Miragem³² e muitos outros). Esse argumento rasteiro não encontra terreno no Brasil. Nos mais importantes livros sobre o tema, desde René Ariel Dotti³³ na década de 1980 até Danilo Doneda³⁴ e Laura Schertel Mendes³⁵ nas últimas duas décadas, há uma concepção clara sobre a relação entre direitos fundamentais e direito à privacidade. Nos últimos anos, esse debate cresceu tanto a ponto de mobilizar o Supremo Tribunal Federal a realizar uma decisão histórica sobre

29 Alan Furman Westin (1929-2013): foi professor emérito de Direito Público e Governo da Universidade de Columbia, ex-editor da *Privacy & American Business* e ex-presidente do Center for Social & Legal Research. (Nota da IHU On-Line)

30 Claudia Lima Marques: Advogada com experiência profissional de mais de trinta anos, é Professora Titular e Diretora da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde também foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD/UFRGS) até maio de 2019. Pós-Doutora pela Universidade de Heidelberg, Alemanha (2003), Doutora em Direito "summa cum laude" pela Universidade de Heildelberg, Alemanha (1996), Mestre em Direito Civil e em Direito Internacional Privado pela Universidade de Tübingen, Alemanha (1987) e Especialista em Direito Comunitário Europeu pela Universidade do Sarre (1988). (Nota da IHU On-Line)

31 Herman Benjamin (1957): Antonio Herman de Vasconcellos e Benjamin é um jurista, magistrado, ambientalista e professor universitário brasileiro, atual ministro do Superior Tribunal de Justiça. (Nota da IHU On-Line)

32 Bruno Miragem: Doutor em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Direito Internacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Direito Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no curso de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Direito, nas disciplinas de Direito Civil e Direito Empresarial. (Nota da IHU On-Line)

33 René Ariel Dotti (1935-2021): Dotti se graduou em Direito na UFPR em 1958. Foi docente de Direito Processual Penal no curso de pós-graduação até se tornar titular de Direito Penal. Também atuou como coordenador didático do curso de especialização em Advocacia Criminal da Faculdade Cândido Mendes Paraná. (Nota da IHU On-Line)

34 Danilo Doneda: Advogado, especialista em temas de Proteção de Dados e Privacidade. Professor no mestrado em Direito do Instituto Brasiliense de Direito Público e consultor do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Foi professor na Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Fundação Getúlio Vargas (FGV). Foi pesquisador visitante na Autoridade Garante para a Proteção de Dados em Roma, na Itália, na Università deli Studi di Camerino, em Camerino, na Itália e no Instituto Max Planck para Direito Privado Comparado e Internacional, em Hamburgo, na Alemanha. Autor de livros e diversos artigos sobre Direito Civil, Proteção de Dados Pessoais e temas relacionados à Direito, Internet e Sociedade. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre e Doutor em Direito Civil pela UERJ. (Nota da IHU On-Line)

35 Laura Schertel Mendes: Professora Adjunta de Direito Civil da Universidade de Brasília (UnB) e do Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP). Doutora summa cum laude em Direito Privado pela Universidade Humboldt de Berlim, tendo publicado sua tese sobre proteção de dados na Alemanha. Mestre em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UnB). Compõe o Conselho Diretor da Associação Luso-Alemã de Juristas (DLJV-Berlim) e do Instituto Brasileiro de Política e Direito do Consumidor (Brasilcon). Coordena o Centro de Direito, Internet e Sociedade do IDP (CEDIS/IDP). É autora do livro "Privacidade, proteção de dados e defesa do consumidor: linhas gerais de um novo direito fundamental." São Paulo: Saraiva, 2014. (Nota da IHU On-Line)

a proteção de dados pessoais enquanto direito fundamental autônomo (o caso IBGE, de 2020). Essa separação é importante na medida em que a proteção de dados pessoais se relaciona a princípios de justiça no fluxo dos dados, à “integridade contextual” dos fluxos e um conjunto de obrigações, estatais e privadas, que minimizem os riscos gerados às pessoas.

Hoje está claro, e reconhecido pelo sistema de justiça, que há uma dimensão não-preço de troca no uso de redes sociais, operacionalizada pela cessão dos dados pessoais (que são, em sua maioria, tomados do dispositivo e não simplesmente cedidos voluntariamente em fichas cadastrais). O fornecedor -- seja qual for -- possui deveres de boa-fé, não discriminação abusiva e cumprimento dos princípios previstos na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Esse é um grande avanço civilizatório.

IHU – Como construir um ambiente digital, tal como o metaverso, que garanta a ampliação da cidadania e que não seja somente um espaço da captura de dados para o capitalismo de vigilância?

Rafael Zanatta – Essa é uma das grandes questões políticas do nosso tempo, como sustentava Stefano Rodotà, um grande humanista italiano. Como garantir redução das assimetrias de poder, estimular a cidadania e tirar o melhor proveito possível das expansões dos “laboratórios eletrônicos” da computação? Essa é uma pergunta clássica, que nos acompanha desde a década de 1970.

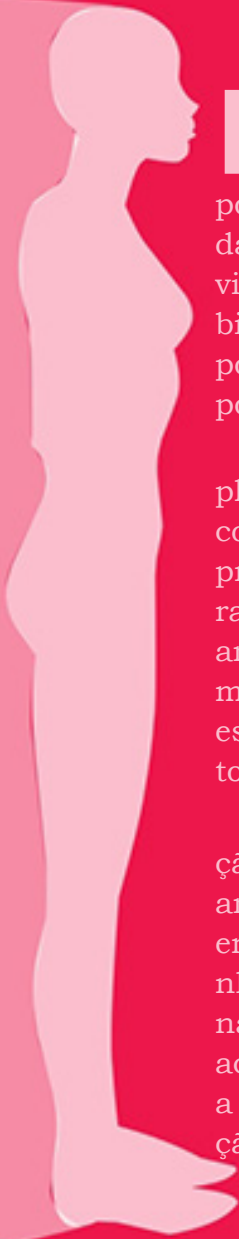
Há inúmeras alternativas na mesa, que passam por uma multiplicidade de ações políticas, que se retroalimentam mutuamente: reforço de gramática dos direitos fundamentais, esforço científico no estudo das discriminações abusivas, transparência e accountability sobre processos de governança algorítmica, adoção de human rights due diligence por grandes corporações, ampliação da contestabilidade moral de certos mercados pela ampliação do espaço cívico e força da sociedade civil, adoção mandatária das avaliações de impacto à proteção de dados pessoais, inclusão das vozes minoritárias nos processos de controle social e definição de danos causados por essas tecnologias, auditorias interdisciplinares movidas por componentes artísticos, ampliação de recursos para Autoridades Independentes de Proteção de Dados Pessoais, investimento em processos de escuta ativa da sociedade civil em protótipos pelas corporações, incentivos premiais para projetos de interesse coletivo (e.g. museus interativos, projetos de conscientização ambiental, bibliotecas do bem comum), e muitas outras ideias.

O problema não é falta de ideias, que borbulham em centenas de entidades civis e centros de pesquisa. É preciso, também, termos a consciência de que vitórias e conquistas institucionais não são permanentes e podem ser facilmente destruídas. Nossas construções sobre direitos e sobre regulação são artefatos históricos que precisam ser constantemente defendidos. Essa é uma tarefa intergeracional permanente e incansável.

Metaverso: entre planos e incertezas, o risco de uma “bolha sem fora”

Paula Sibilía, professora e pesquisadora da cultura digital, fala sobre como o debate renovado sobre o metaverso apresenta uma plataforma que em essência é totalmente nova em relação a experimentos anteriores

Ricardo Machado



Enquanto o metaverso distópico, por exemplo, do livro *Snow Crash*, de Neal Stephenson, de três décadas atrás, apresentava um mundo violento e cinzento, hoje, quando se pensa em metaverso, essa possibilidade assume outros contornos, constituindo-se em uma novidade. “De fato, ainda não existe [o metaverso], e muitos inclusive duvidam que possa se tornar viável no curto prazo. Mas há orçamentos bilionários e interesses de peso dispostos a construí-lo com urgência, portanto, é altamente verossímil”, propõe **Paula Sibilía**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

O contexto, quando comparado às distopias dos anos 1990, é completamente outro e a experiência da pandemia da Covid-19, somada ao convívio intenso das redes sociais, também foi capaz de acelerar alguns processos. “Habitamos agora um terreno fértil para as realidades paralelas, virtuais, aumentadas, filtradas, turbinadas, instagrameadas e ambigualmente falsas, de um modo geral. A estranheza do isolamento motivado pela pandemia de Covid-19 não fez mais do que intensificar essa tendência, adubando um solo muito propício para que brotem todo tipo de metaversos bem-sucedidos”, descreve.

Os riscos, no entanto, estão no aprofundamento da algoritmização financeirizada de todas as dimensões da existência digital nesses ambientes. “E o capitalismo baseado em dados está no cerne dessa empreitada; disso, me parece, não há dúvida alguma. Tendo testemunhado o que vem ocorrendo nos últimos anos com o uso dos algoritmos nas redes sociais da internet, é assustador imaginar o que pode vir a acontecer numa atualização desses sistemas que leve ainda mais longe a ilusão de uma ‘bolha sem fora’ suscitada pela experiência da interação digital”, avalia.



Paula Sibilia é ensaísta e pesquisadora argentina residente no Rio de Janeiro e dedica-se ao estudo de diversos temas culturais contemporâneos sob a perspectiva genealógica, contemplando particularmente as relações entre corpos, subjetividades, tecnologias e manifestações midiáticas ou artísticas. Fez graduação em Comunicação e em Antropologia na Universidade de Buenos Aires - UBA, na Argentina; já no Brasil, fez mestrado em Comunicação na Universidade Federal Fluminense - UFF, doutorado em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - IMS-UERJ e em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECO-UFRJ. Desde 2006, é professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia, bem como do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense - UFF..

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O metaverso não é um tema propriamente novo, sua origem remete à ficção científica ainda no final do século 20. Como a senhora compreende a noção e qual sua atualidade?

Paula Sibilia – Sim, mas há um detalhe bastante significativo: essa obra literária de 1995, *Snow Crash* (São Paulo: Editora Aleph, 2015), na qual foi cunhada a palavra “metaverso” para nomear esse tipo de experiência “virtual” que agora inspira as empresas mais poderosas do planeta, era um romance distópico. O livro de Neal Stephenson¹ apresentava um mundo cinza e violento, povoado por criaturas viciadas em seus brinquedos tecnológicos e dominado por corporações gigantes que, na época, consideravam-se puramente fictícias. Por isso eu diria que se trata, sim, de algo novo. De fato, ainda não existe, e muitos inclusive duvidam que possa se tornar viável no curto

¹ Neal Town Stephenson (1959): é um escritor americano conhecido por suas obras de ficção especulativa. Seus romances foram categorizados como ficção científica, ficção histórica, cyberpunk, pós-cyberpunk e barroco. O trabalho de Stephenson explora matemática, criptografia, linguística, filosofia, moeda e história da ciência. Ele também escreve artigos de não ficção sobre tecnologia em publicações como a *Wired*. Ele escreveu romances com seu tio, George Jewishbury (“J. Frederick George”), sob o pseudônimo coletivo de Stephen Bury. (Nota da IHU On-Line)

“Habitamos agora um terreno fértil para as realidades paralelas, virtuais, aumentadas, filtradas, turbinadas, instagrameadas e ambigualmente falsas, de um modo geral”

prazo. Mas há orçamentos bilionários e interesses de peso dispostos a construí-lo com urgência, portanto, é altamente verossímil.

Gostaria de ressaltar, porém, essa questão do nome escolhido. Afinal, é como se Mark Zuckerberg² tivesse decidido rebatizar Matrix a sua companhia, por exemplo, aludindo a um universo ficcional mais próximo do imaginário contemporâneo. O metaverso imaginado por Stephenson há três décadas era uma sorte de Matrix; e, levando em consideração o que tem acontecido do lado de cá da realidade desde então, custa acreditar que este nosso metaverso do século XXI venha a se tornar algo muito mais auspicioso. Ao contrário, talvez a realidade volte a superar a ficção, como aconteceu com o já antiquado “ciberespaço” dos inícios da internet.

IHU On-Line – No começo do século 21 houve a experiência, que restou frustrada, do Second Life. Era, também, um outro momento tecnológico, com equipamentos e conexões mais precárias que as atuais. O que muda agora, sobretudo quando levamos em conta a recente aposta do Facebook e da Microsoft no metaverso como futuro de seus negócios?

Paula Sibilía – Em primeiro lugar, não diria que a experiência de *Second Life* foi frustrada. Tanto é que a estamos lembrando aqui como uma precursora destes “universos virtuais” recém-anunciados. Além dos avanços puramente técnicos, que foram muito contundentes e prometem continuar, eu acrescentaria outro fator que vem a se somar agora e que não estava tão presente alguns anos atrás. Refiro-me à familiaridade que temos desenvolvido com as “realidades paralelas”. Não apenas os cenários publicitários de ambientes como *Instagram* ou *Tinder*, nos quais se tornou habitual o uso de “filtros” e retoques, mas também a “gamificação” de diversas atividades para adultos, a estética do “reality-show” permeando todos os gêneros midiáticos e artís-

² Mark Zuckerberg (1984): é um programador e empresário norte-americano, que ficou conhecido internacionalmente por ser um dos fundadores do Facebook, a rede social mais acessada do mundo. Em março de 2011, a revista Forbes colocou Zuckerberg na 36ª posição da lista das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna estimada em 17,5 bilhões de dólares. Em junho de 2015, sua fortuna já estava avaliada em 38,4 bilhões de dólares, em 2016 seu patrimônio líquido foi estimado em 51,8 bilhões de dólares. (Nota da IHU On-Line)

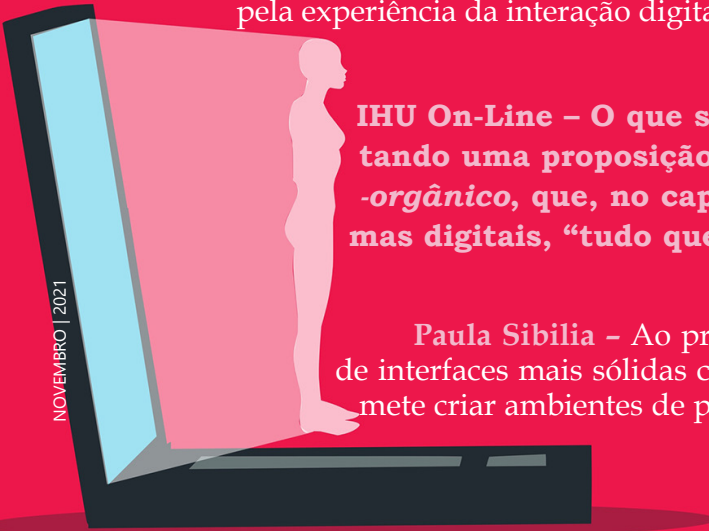
“Não deveríamos esquecer, porém, que a imaterialidade desses mundos é ilusória, visto que, em algum lugar do planeta, há toneladas de equipamentos de enorme potência capazes de sustentar essa aparente leveza”

ticos, e inclusive fenômenos tão perturbadores como as *fake news*, os negacionismos e a “pós-verdade”.

Foi se aprofundando, nos últimos anos, essa fragilidade do real perpassada pela cultura do espetáculo. Habitamos agora um terreno fértil para as realidades paralelas, virtuais, aumentadas, filtradas, turbinadas, instagrameadas e ambigualmente falsas, de um modo geral. A estranheza do isolamento motivado pela pandemia de Covid-19 não fez mais do que intensificar essa tendência, adubando um solo muito propício para que brotem todo tipo de metaversos bem-sucedidos.

IHU On-Line – Até que ponto o metaverso abre horizontes ao que compreendemos como experiência humana e a partir de que ponto ele reduz o ser humano às lógicas e interesses do capitalismo pós-industrial?

Paula Sibilia – Não sabemos o que pode acontecer, nem se de fato essa tecnologia irá se desenvolver e obter o sucesso esperado. Afinal, pelo menos no caso do Facebook (ou Meta), está claro que se trata de uma estratégia audaciosa para se reinventar como empresa, num momento de crise em que chovem críticas gravíssimas a seu modelo de negócios, com vazamentos e denúncias, investigações judiciais e desconfiança do público. Contudo, sem ignorar todos esses fatores, a aposta faz sentido. E o capitalismo baseado em dados está no cerne dessa empreitada; disso, me parece, não há dúvida alguma. Tendo testemunhado o que vem ocorrendo nos últimos anos com o uso dos algoritmos nas redes sociais da internet, é assustador imaginar o que pode vir a acontecer numa atualização desses sistemas que leve ainda mais longe a ilusão de uma “bolha sem fora” suscitada pela experiência da interação digital.



IHU On-Line – O que significa pensar, parafraseando e adaptando uma proposição que a senhora traz em *O homem pós-orgânico*, que, no capitalismo contemporâneo das plataformas digitais, “tudo que é sólido se desmancha na luz”?

Paula Sibilia – Ao propiciar vivências “virtuais” que prescindem de interfaces mais sólidas como as telas e os teclados, o metaverso promete criar ambientes de pura luz para nossas interações, decompondo

“A falta de limites é uma marca tanto das redes digitais quanto das subjetividades contemporâneas, com elas compatíveis, e os mercados aproveitam”

a espacialidade e nossos próprios corpos em imagens digitais. Não deveríamos esquecer, porém, que a imaterialidade desses mundos é ilusória, visto que, em algum lugar do planeta, há toneladas de equipamentos de enorme potência capazes de sustentar essa aparente leveza, e muita gente trabalhando em péssimas condições para manter isso funcionando. Do mesmo modo, embora os serviços de acesso a essas experiências possam ser gratuitos, como acontece agora com as redes sociais tipo *Facebook* ou *Instagram*, também é necessário possuir toda sorte de artefatos e chaves mágicas para fazer *login*. Nada indica que isso mudará no caso do metaverso.

IHU On-Line – Por outro lado, parece interessante pensar dialeticamente as reconfigurações que a noção de humano e, propriamente, de corpo sofrem com tecnologias digitais como a do metaverso. O que implica, portanto, pensar no atual contexto a obsolescência do corpo orgânico?

Paula Sibilia – A materialidade orgânica do corpo humano sempre representou um limite incômodo para os impulsos “virtualizantes” das tecnologias digitais. Há, inclusive, certo ressentimento pela consistência carnal, como sugere uma das acusações mais graves contra o *Instagram* reveladas nos documentos da empresa recentemente vazados: a exposição constante a imagens de corpos supostamente “perfeitos” estaria causando sofrimento mental com sérias consequências ao se comparar com elas. As telas de vidro e os aplicativos de edição repelem a viscosidade biológica e tendem a redesenhar os corpos como imagens lisas e puras.

A experiência da pandemia também contribuiu para intensificar estas questões, já que a grande maioria das atividades que antes ainda costumavam ser realizadas de modo presencial passou a ocorrer exclusivamente nas telas interconectadas por dispositivos como *Zoom* ou *Meet*. Todo esse treinamento do último par de anos não terá sido em vão: viamos, literalmente, avatares. E, nesse contato cotidiano com o espelho digital, foi se incrementando a vontade de “filtrar” a própria imagem.

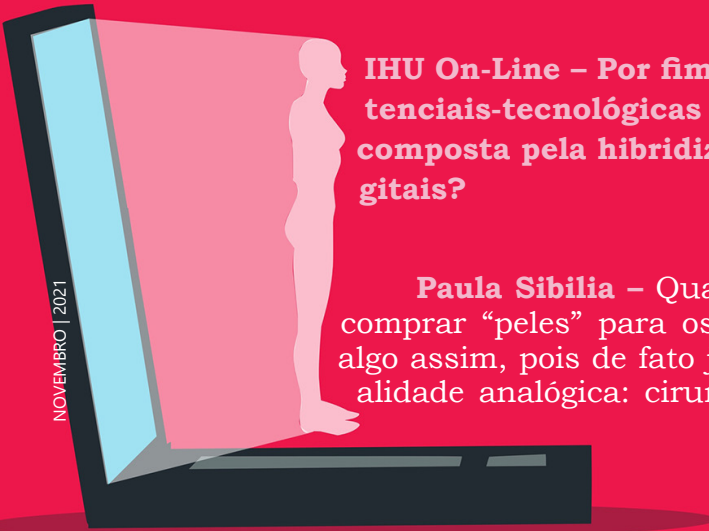
De fato, nos protótipos de metaversos já existentes, como o jogo *Fortnite*, é habitual que os usuários comprem *skins* ou “peles” pós-orgânicas para seus personagens.

IHU On-Line – O projeto, digamos assim, de humanidade do metaverso parece ser, justamente, o de ultrapassar os limites impostos pela organicidade do humano. As fronteiras corpóreas – geográficas, biológicas e temporais – são reorganizadas. Quais são as consequências desta promessa fâustica?

Paula Sibilía – Não sabemos, mas provavelmente ficaremos insatisfeitos e iremos querer mais. Se não, como fariam as empresas para continuar ganhando dinheiro atijando nossos sonhos e desejos? A falta de limites é uma marca tanto das redes digitais quanto das subjetividades contemporâneas, com elas compatíveis, e os mercados aproveitam.

IHU On-Line – O que é a vida no metaverso? Faz sentido esse conceito e, se sim, de que forma?

Paula Sibilía – Imagino que um dos usos mais habituais desses ambientes será como “entretenimento”, ou seja, um portal para a evasão como tantos outros, alimentado pela publicidade e visando a perpetuar o consumo. Nesse sentido, não vejo uma diferença radical com os dispositivos digitais já existentes, embora seja claramente um passo a mais rumo a essa indistinção entre o dentro e o fora. Essa fronteira, já bastante tênue e cada vez mais nebulosa, tende a desaparecer de vez ao serem eliminadas as interfaces mais duras (teclados, telas, aparelhos) em proveito dos sensores ou das conexões neurais. “Em vez de apenas ver o conteúdo, você estará dentro dele”, explicou Zuckerberg numa entrevista. Por isso, provavelmente esses dispositivos serão muito mais eficazes que os atuais na sua capacidade de capturar nossa atenção e nossos sentidos. Considerando o que já vem acontecendo nas redes bidimensionais da atualidade, é preocupante o que poderia gerar uma precisão extremamente *customizada* para cada “usuário” ou consumidor.



IHU On-Line – Por fim, até que ponto as possibilidades existenciais-tecnológicas inauguram um certo tipo de eugenia composta pela hibridização entre dimensões biológicas e digitais?

Paula Sibilía – Quando antes mencionei a possibilidade de comprar “peles” para os nossos avatares, estava pensando em algo assim, pois de fato já existe um mercado comparável na realidade analógica: cirurgias plásticas e um amplo cardápio de

“Se haverá uma internet que não pertença aos “cercadinhos” das plataformas e, nesse caso, como se implementará o acesso a esses interstícios, com que artefatos e sob quais regras”

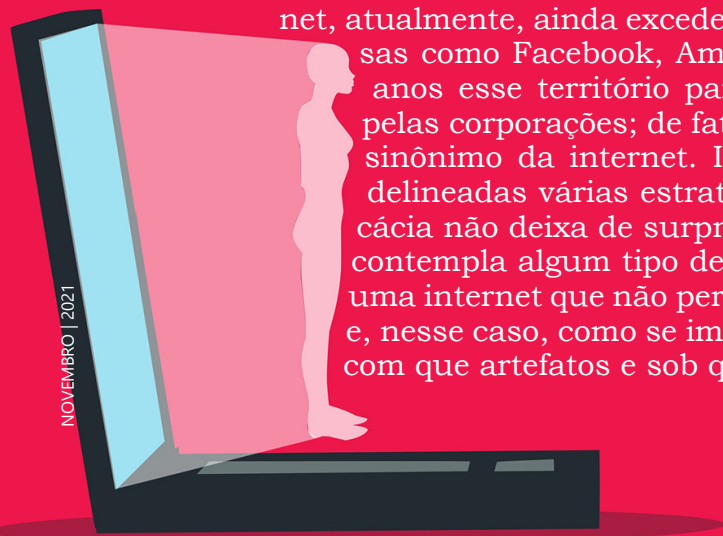
intervenções dermatológicas, também estimuladas pelo crescente uso de telas e imagens para a interação social. Em contraste com o escopo limitado de possibilidades que nossa carcaça biológica nos oferece, o mercado de retoques digitais é virtualmente infinito. Em suma, poderemos encarnar todas as peles imagináveis que sejamos capazes de comprar. Contudo, assim como ocorre na versão analógica do drama, é provável que não seja suficiente: continuaremos insatisfeitos e querendo mais (e o mercado não cessará de lançar tentadoras novidades), pois essa é precisamente a definição do consumidor. E, ao que tudo indica, é isso que serão os habitantes do metaverso.

IHU On-Line – Como pensar o metaverso em um contexto brasileiro, mas também global, de profunda desigualdade?

Paula Sibilía – Imagino que haverá metaversos para todos os gostos e bolsos, ou para quase todos, como ocorre atualmente com as versões bidimensionais da brincadeira.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Paula Sibilía – Talvez chamar a atenção para o fato de que a internet, atualmente, ainda excede as plataformas comandadas por empresas como Facebook, Amazon e Google. No entanto, nos últimos anos esse território parece ter sido praticamente conquistado pelas corporações; de fato, para muita gente as redes sociais são sinônimo da internet. Isso não é por acaso, claro, pois foram delineadas várias estratégias nesse sentido; contudo, a sua eficácia não deixa de surpreender. Cabe questionar se o metaverso contempla algum tipo de “fora” nesse sentido; ou seja, se haverá uma internet que não pertença aos “cercadinhos” das plataformas e, nesse caso, como se implementará o acesso a esses interstícios, com que artefatos e sob quais regras.



Metaverso e os devires de cultura em Matrix

Adriana Amaral analisa como obras da cultura pop, além de colocarem em pauta questões contemporâneas das sociedades tecnocientíficas, projetam debates sobre as contradições do desenvolvimento tecnológico

Ricardo Machado



Em geral, o universo cyberpunk da literatura, dos quadrinhos, do cinema e da cultura audiovisual projeta e debate os devires das sociedades tecnocientíficas há décadas. Os elementos centrais que o constituem estão ligados à “relação humano-máquina (sobretudo em relação ao corpo e ao fluxo de informações digitalizadas em rede, com gadgets e implantes de várias ordens e formatos, o desenvolvi-

mento de tecnologias bio- genética); a substituição do Estado pelo domínio totalitarista das grandes corporações transnacionais que detêm o poder através da produção de tecnologias; as metrópoles caóticas”, exemplifica Adriana Amaral, professora e pesquisadora da cultura pop, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Filmes como os da trilogia Matrix, dirigidos pelas irmãs Wachowski, são



um bom exemplo de como podemos pensar o metaverso em um sentido um pouco mais complexo, trazendo à tona as contradições e tensões de espaços como este. “Em primeiro lugar, é preciso lembrar que o local de produção de Matrix é a cultura pop com todas as suas contradições estéticas, históricas, tecnológicas, econômicas, etc. São filmes produzidos dentro do contexto hollywoodiano do entretenimento e do ‘mercado’ dos grandes estúdios. Dessa forma, eles também estão marcados por muitas das mesmas questões que suas mensagens criticam. De qualquer forma, acredito, por isso mesmo, que seja fascinante pensar essas contradições”, enfatiza. “O metaverso de Matrix tem um quê mais sombrio e enfatiza mais as questões

críticas do que os projetos apresentados por empresas como, por exemplo, o metaverso do Facebook”, complementa.

A pesquisadora ainda chama atenção para um aspecto importante quando se leva em conta as profundas desigualdades que marcam nossa sociabilidade e os desafios que precisamos encarar. “Acredito que seja primordial retomarmos às ideias da internet livre em um modelo mais aberto e apostarmos em tecnologias próprias, mas sabemos que isso requer investimentos públicos, o que no momento de governo em que vivemos, há zero interesse. Mas a luta pela regulação das plataformas e a organização das lutas dos trabalhadores dessas plataformas já é um começo”, ressalta.



Adriana Amaral é graduada em jornalismo, com mestrado e doutorado pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com estágio de doutorado em Sociologia da Comunicação pelo Boston College, EUA. Além disso, realizou pós-doutorado em Mídia, Cultura e Comunicação pela University of Surrey, no Reino Unido. É professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos e pesquisadora do CNPq com Bolsa de Produtividade (PQ).

Entre suas publicações, destacamos Cultura pop digital brasileira: em busca de rastros político-identitários em redes (Revista EcoPós, V.19, n.3, 2016) e “De Westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira”. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital (Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. N. 29, 2015).

IHU On-Line – O que é o cyberpunk e como ele, como manifestação estética e teórica, nos ajuda a compreender as transformações tecnológicas que vivemos?

Adriana Amaral – O cyberpunk começa como um subgênero literário de ficção científica que tem início enquanto um movimento e com várias publicações a partir dos anos 1980. Suas principais características são uma visão de mundo focada em um futuro geralmente próximo no qual as relações sociais são mediadas pelas tecnologias de comunicação. Nessa estrutura, alguns elementos são centrais, como a relação humano-máquina (sobretudo em relação ao corpo e ao fluxo de informações digitalizadas em rede, com gadgets e implantes de várias ordens e formatos, o desenvolvimento de tecnologias biogenética); a substituição do Estado pelo domínio totalitarista das grandes corporações transnacionais que detêm o poder através da produção de tecnologias; as metrópoles caóticas (seja pela questão da degradação ambiental provocada pelas corporações, seja pela conseqüente “guetificação” e estratificação ainda maior das classes sociais, afinal, quem tem poder aquisitivo pode consumir os aparatos tecnológicos? Quem pode abandonar o planeta e ir “viver nas colônias?”), assim temos gangues e personagens de “marginalizados” tentando sobreviver.

“O principal legado do cyberpunk está nas suas conexões com o imaginário construído sobre a cibercultura – ou cultura digital”

Entre outras influências, o cyberpunk bebe em várias fontes para a construção de suas narrativas distópicas: o policial *noir*, a literatura *beatnik*, os elementos soturnos do gótico e as descrições do realismo, combinado com uma Ficção Científica que preza os elementos humanos e um certo niilismo existencial, assim como a “New Wave Science Fiction nos anos 1960”. Em meio a essa ambientação, temos anti-heróis, ciborgues e outros personagens que tentam, também através da tecnologia, descobrir formas de resistência e combate. O cyberpunk enquanto estética se desdobrou nos anos 1990 para outras mídias além da literatura, estando presente na música, nos videogames, RPGs, quadrinhos, animações, filmes - sobretudo com as adaptações cinematográficas -, entre outros, se tornando uma subcultura. Houve uma popularização do subgênero. Mas, para mim, o principal legado do cyberpunk está nas suas conexões com o imaginário construído sobre a cibercultura – ou cultura digital. Seus preceitos como a “informação quer ser livre”, os aspectos contraculturais e políticos das tecnologias e seus usos criativos e coletivos e a ideia de redes abertas em contraposição ao modelo de negócio plataformizado fazem parte desse imaginário. Apesar do cyberpunk, enquanto movimento lite-

rário, ter sido dado como encerrado por seus escritores principais, como William Gibson¹ e outros, devido a um entendimento de que a “realidade já estava cyberpunk demais”, enquanto imaginário ele ainda é potente e cada vez mais atual para pensarmos no que entendemos como “transformação digital”, “dataficação da vida” e outros jargões relacionados à cultura digital. Ao contrário do que o senso comum diz, a Ficção Científica não prevê futuros, ela extrapola o presente nos dando pistas para a construção de desenhos de futuro e é nisso que reside sua força.

IHU On-Line – Que chaves de leitura o cyberpunk nos oferece para compreendermos tanto o filme *Matrix* quanto o *metaverso*?

Adriana Amaral – No caso de *Matrix*, a franquia lida justamente com as contradições (humanas e maquínicas) da cultura digital. Por um lado, há todo o debate “metafísico” do metaverso, que nos remete muito a um primeiro momento em que a cibercultura era pensada a partir de noções como virtual, simulacro (para citar Jean Baudrillard² que, com seu clássico livro *Simulacros e Simulações*, aparece em destaque no primeiro filme), e outras relações que procuravam articular a ideia de ciberespaço a noções religiosas – conforme apontado por autores como Margareth Wertheim³ (2001) em analogia ao céu e ao Inferno de Dante⁴. Outro debate era a questão da “descorporificação”, bastante criticada pelas noções de materialidades, por exemplo. Por outro lado, podemos pensar também no metaverso pela chave do militarismo, que é parte central na história das tecnologias, como os videogames, os simuladores de voo e a própria internet. E por fim, uma outra chave diz respeito aos elementos contraculturais – parafraseando o trabalho do historiador Fred Turner⁵ em “*From counterculture to cyberculture*” (Chicago: Chicago University Press, 2006), mais focada no entendimento de como as contraculturas, os ativistas políticos, designers, teóricos, cientistas e artistas alternativos pen-

1 William Ford Gibson (1948): é um escritor américo-canadense de ficção especulativa. Chamado de “profeta noir” do cyberpunk, subgênero da ficção científica, Gibson cunhou o termo “ciberespaço” em seu conto *Burning Chrome* e posteriormente popularizou o conceito em seu romance de estreia e obra mais conhecida, *Neuromancer*, de 1984, primeiro volume da aclamada trilogia *Sprawl*. Prevendo o ciberespaço, Gibson criou uma iconografia para a era da informação antes da onipresença da internet na década de 1990. (Nota do IHU On-Line)

2 Jean Baudrillard (1929-2007): filósofo e sociólogo. Autor de vários livros, entre os quais *A troca impossível* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002); *A ilusão vital* (Civilização Brasileira, 2001) e *A sociedade do consumo* (Lisboa: Edições 70, 2000). (Nota da IHU On-Line)

3 Margaret Wertheim (1958): escritora científica, curadora e artista australiana que vive nos Estados Unidos. É autora de livros sobre história cultural da física e escreveu sobre ciência. Wertheim e sua irmã gêmea, Christine Wertheim, são co-fundadoras do Institute For Figuring - IFF, uma organização sem fins lucrativos com sede em Los Angeles, por meio da qual elas criam projetos na interseção de arte, ciência e matemática. (Nota da IHU On-Line)

4 Dante Alighieri (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. Sobre Dante, confira a entrevista *Divina Comédia. A relação entre poesia e Deus* na edição 301 da IHU On-Line, de 20-7-2009, disponível em <http://bit.ly/LHKaXb>, concedida por Massimo Pampaloni. Leia também a edição nº 65 do Cadernos Teologia Pública, O livro de Deus na obra de Dante, disponível em <http://bit.ly/ihuteo65>. (Nota da IHU On-Line)

5 Fred Turner: professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Stanford e ex-chefe do departamento. Antes de ingressar na Stanford como professor associado, Turner ensinou Comunicação em Harvard e no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Em 2015, ele foi nomeado Professor Harry e Norman Chandler e Presidente do Departamento de Comunicação de Stanford. Seu trabalho mais notável chama-se *Da contracultura à cibercultura*. (Nota da IHU On-Line)

saram na criatividade tecnológica para conceber os usos das redes e ao mesmo tempo “desconstruir arquiteturas hierárquicas” e descentralizar o conhecimento.

Matrix nos traz, por um lado, esse deslumbre tecnológico e, por outro, um desencantamento com o “mundo como conhecemos”. Nesse sentido, será interessante pensar como o novo filme lidará com a atualização dessas instâncias todas em um momento que se discutem temas como racismo algorítmico, intensificação da vigilância e controle do Estado e das corporações contra os cidadãos, as violências de gênero dataficadas, o uso de bots e fazendas de cliques, entre outros temas, uma vez que, no período em que a trilogia inicial foi lançada, a popularização da internet não havia atingido ainda tantas instâncias da vida cotidiana e tantas populações quanto agora. Nesse sentido, acredito que os códigos e mensagens dos filmes e do próprio legado cyberpunk tendem a ser mais enfatizados e serem compreendidos de forma mais explícita, uma vez que o material empírico está ao nosso redor todos os dias.

IHU On-Line – A propósito, qual a atualidade da trilogia Matrix, pouco mais de duas décadas depois do lançamento do primeiro filme?

Adriana Amaral – Em primeiro lugar, é preciso lembrar que o local de produção de Matrix é a cultura pop com todas as suas contradições estéticas, históricas, tecnológicas, econômicas, etc. São filmes produzidos dentro do contexto hollywoodiano do entretenimento e do “mercado” dos grandes estúdios. Dessa forma, eles também estão marcados por muitas das mesmas questões que suas mensagens criticam. De qualquer forma, acredito, por isso mesmo, que seja fascinante pensar essas contradições. Dessa forma, a trilogia, ao mesmo tempo em que nos aponta questões ainda atuais e pertinentes em nossas relações com as tecnologias, sobretudo no que diz respeito aos imaginários e à metafísica da cultura digital, traz poucos elementos concernentes a uma materialidade desses objetos como as infraestruturas das redes e possibilidades de resistência para além da ideia do herói/do mito que se sacrifica pelo bem da humanidade e da pacificação entre humanos e máquinas.

Num outro ponto, acho que o legado do filme está justamente na constituição de uma estética/ética poderosa – a metáfora das pílulas azul e vermelha, a discussão entre Oráculo e Arquiteto, entre outros - em termos de iconografia que nos traz apontamentos sobre a cultura digital e a sociedade. Não é à toa que essas metáforas reapareceram nos últimos anos, seja através de memes ou cooptadas pela extrema-direita e que passou a se relacionar com o filme em uma clara super-interpretação da

mensagem, como nos casos em que Ivanka Trump⁶ e Elon Musk⁷ fizeram referências ao filme relacionando a pílula vermelha e azul a suas visões políticas. Também não é por acaso que a diretora Lily Wachowski⁸ os respondeu sonoramente com um “Fuck both of you!”.⁹

“O metaverso de Matrix tem um quê mais soturno e enfatiza mais as questões críticas do que os projetos apresentados por empresas como, por exemplo, o metaverso do Facebook”

IHU On-Line – Como o filme Matrix nos ajuda a compreender a noção de metaverso?

Adriana Amaral – A ideia de um mundo virtual que tenta replicar a realidade é um conceito utilizado em várias obras como *Jogador Número 1* (São Paulo: Intrínseca, 2021), de Ernest Cline¹⁰, *SnowCrash* (São Paulo: Editora Aleph, 2015), de Neal Stephenson¹¹, *Neuromancer* (São Paulo: Editora Aleph, 2015), de William Gibson (que é a inspiração inicial do primeiro Matrix), entre outros. Nesse sentido, o material literário e até mesmo os quadrinhos, como *Batman Digital Justice* (Londres: Titan Books, 1990) e outros, são antecessores a essa ideia, que é uma ideia bastante platônica em suas origens. No caso específico da trilogia Matrix, acho que ela torna um tanto mais palatáveis as dualidades e confluências entre esses mundos, trazendo ao mesmo tempo elementos críticos em relação ao papel do sujeito e das coletividades nesse contexto, tudo isso embalado em uma trilha dançante e um visual que marcou época, seja pelos efeitos especiais,

6 Ivana Marie Ivanka Trump Kushner (1981): é uma empresária, escritora e modelo norte-americana. É filha do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e serviu como conselheira sênior no governo de seu pai por opção, visto que assumiu essa posição que é não remunerada depois que questões éticas foram levantadas sobre nepotismo e ela ter acesso a material confidencial sem ter posição oficial de funcionária federal. Ela e seu esposo Jared Kushner estão sendo investigados sob acusações de lavagem de dinheiro. Declarações federais implicaram que, em 2017, Ivanka e seu marido têm ativos de mais de US \$ 850 milhões. (Nota da IHU On-Line)

7 Elon Reeve Musk (1971): é um empreendedor envolvido na estruturação de empresas como Paypal, SpaceX e Tesla Motors. (Nota da IHU On-Line)

8 Lilly Wachowski (1967) e Lana Wachowski (1965): duas irmãs cineastas coletivamente conhecidas como The Wachowskis, são diretoras, produtoras e roteiristas de Chicago, Illinois, nos Estados Unidos. A consagração definitiva de Lilly e Lana veio pela trilogia cinematográfica Matrix (na época deste filme, ainda eram chamadas de Andy e Larry), sucesso de bilheteria e de crítica. Em 2012, foi lançado Cloud Atlas com roteiro, direção e produção delas. O filme foi estrelado por Tom Hanks e Halle Berry e conta seis diferentes histórias que vão desde o século XVIII até um futuro pós-apocalíptico. (Nota da IHU On-Line)

9 <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,diretora-de-matrix-ataca-elon-musk-e-ivanka-trump-por-fazer-referencia-ao-filme,70003306873>. (Nota da entrevistada)

10 Ernest Christy Cline (1972): é um romancista americano, um poeta e um roteirista. Ele é mais conhecido por seus livros Ready Player One e Armada; ele também co-escreveu o roteiro para da adaptação cinematográfica: Ready Player One (filme) (2018), dirigido por Steven Spielberg. (Nota da IHU On-Line)

11 Neal Town Stephenson (1959): é um escritor americano conhecido por suas obras de ficção especulativa. Seus romances foram categorizados como ficção científica, ficção histórica, cyberpunk, pós- cyberpunk e barroco. O trabalho de Stephenson explora matemática, criptografia, linguística, filosofia, moeda e história da ciência. Ele também escreve artigos de não ficção sobre tecnologia em publicações como a Wired. Ele escreveu romances com seu tio, George Jewishbury (“J. Frederick George”), sob o pseudônimo coletivo de Stephen Bury. (Nota da IHU On-Line)

paleta de cores e até o figurino. No entanto, o metaverso de Matrix tem um quê mais sombrio e enfatiza mais as questões críticas do que os projetos apresentados por empresas como, por exemplo, o metaverso do Facebook.

IHU On-Line – Como o conceito de *outro* é pensado a partir dos debates levantados pelo cyberpunk e suas expressões, especialmente com Matrix?

Adriana Amaral – Ao contrário da ficção científica mais “*space opera*” e clássica da era dourada em que o outro era muito focado na ideia do alienígena, a ideia do outro no cyberpunk reside mais na alteridade derivada das alterações corporais, como implantes, e nos sentidos da humanidade a partir desses experimentos de fusão homem-máquina. A própria ideia do duplo, ou “*Doppelgänger*”, também aparece a partir da multiplicação do agente Smith, por exemplo, e também está relacionada a essa ideia, uma certa “coisificação do indivíduo”, como afirma Andrea Henderson¹² (1996). Nesse sentido, a alteridade somos nós mesmos quando colocados nessas situações.

IHU On-Line – Em que sentido expressões culturais como aquelas ligadas ao cyberpunk denotam, também, um certo desencantamento com o mundo em sua dimensão hegemônica?

Adriana Amaral – Com certeza, e essas expressões denotam uma visão de mundo que é como chamei na minha tese de uma certa herança sobrenatural do romantismo no cyberpunk enquanto movimento filosófico. Esse desencantamento, no entanto, em alguns casos pode não ser apenas contemplativo e passivo e sim gerar ações de enfrentamento político através dos usos da própria tecnologia, como aparece constantemente nos livros pós-cyberpunk do escritor e ativista Cory Doctorow¹³.

¹² Andrea Henderson: professora de inglês na University of California, Irvine. É Ph.D. em Literatura Inglesa pela University of Pennsylvania e, de 1991 a 1994, foi Fellow na University of Michigan Society of Fellows. É autora de *Romantic Identities. Varieties of subjectivity, 1774-1830* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996). (Nota da IHU On-Line)

¹³ Cory Doctorow (1971): é um jornalista e escritor canadense de ficção científica, co-editor do blog Boing Boing. É defensor do copyleft, e suas obras de ficção são lançadas sob uma licença Creative Commons. É autor de, entre outros livros, *Pequeno Irmão* (Little Brother), publicado no Brasil pela Editora Record. Doctorow acredita que leis de direitos autorais devem ser liberalizadas para permitir a partilha livre de todas as mídias digitais. Ele defendeu também o compartilhamento de arquivos. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Até que ponto certos desenvolvimentos tecnológicos e seus desdobramentos, tais como o *metaverso*, acentuam ainda mais a desigualdade? Como pensar estratégias de superação desta característica?

Adriana Amaral – Acredito que esse acentuamento das desigualdades fique ainda mais óbvio a partir dos desenhos de mundo como dos metaversos, uma vez que há a construção de nichos de realidade aumentada, internet das coisas e a constituição do mundo virtual em conexão com a presencialidade. Mas, de certa forma, nada que já não vejamos, sobretudo em países como o Brasil, em que temos, por exemplo, um simulacro de castelo escocês transformado em Museu em Recife¹⁴, pertencente a um milionário, praticamente ao lado de uma comunidade periférica e perto do campus da universidade federal, apenas para citar um caso extremo. Para mim esse é um metaverso a céu aberto (risos).

Para superar essa característica, acredito que seja primordial retomarmos as ideias da internet livre em um modelo mais aberto e apostar em tecnologias próprias, mas sabemos que isso requer investimentos públicos, o que, no momento de governo em que vivemos, há zero interesse. Mas a luta pela regulação das plataformas e a organização das lutas dos trabalhadores dessas plataformas já é um começo. Um outro ponto é o próprio trabalho da mídia e da imprensa que, muitas vezes, varia entre o horror às tecnologias e a falta de entendimento específico a uma espécie de “*cheerleader*” (como fala Jonathan Sterne¹⁵) ou fã de empresas de tecnologia. Esse tipo de postura ajuda a disseminar discursos rasos sobre a cultura digital.

IHU On-Line – Como o chamado *metaverso* refunda ou, ao menos reorganiza, as bases sobre as quais compreendemos a noção de humanidade?

Adriana Amaral – Não sei se podemos falar em refundação ou reorganização da humanidade. Talvez reconfigurações. Acredito que as tecnologias nos usem tanto quanto nós as utilizamos. As noções de humanidade já vêm sendo questionadas há um bom tempo, bem antes dessa ideia de metaverso. Por outro lado, creio que já está mais do que na hora de sairmos de um certo antropocentrismo para pensar nos agentes não-humanos, em outras formas de viver e experimentar a humanidade. Acredito que talvez a ideia de metaverso possa trazer de forma mais óbvia a noção das materialidades e infraestruturas da cultura digital que várias vezes ficam invisibilizadas, como, por exemplo: quanto de emissão de carbono

¹⁴ <https://www.institutoricardobrennand.org.br/> (Nota da entrevistada)

¹⁵ Jonathan Sterne: é professor no Departamento de História da Arte e Estudos da Comunicação na McGill University. Ele é autor de MP3: The Meaning of a Format / MP3: o significado de um formato; The Audible Past: Cultural Origins of Sound Reproduction / O passado audível: origens culturais da reprodução do som; e diversos artigos sobre mídia, tecnologias e a política cultural. Ele também é editor de The Sound Studies Reader. (Nota da IHU On-Line)

será gasto para isso? Ou qual o preço do salário dos trabalhadores que prestarão serviço para que possamos experimentar tais práticas.

IHU On-Line – Qual a importância de se estudar manifestações da cultura pop como devires de cultura capazes de nos tornar mais atentos às possibilidades e consequências das transformações tecnológicas?

Adriana Amaral – Acredito que os produtos midiáticos da cultura pop, sobretudo no âmbito da Ficção Científica, sejam centrais porque eles, além de captarem o *Zeitgeist*, facilitam e popularizam discussões conceituais, aproximando o público de debates muito teóricos, mas que são também extremamente cotidianos. Além disso, as dicotomias da cultura pop são também as mesmas pelas quais passam os discursos acerca dos efeitos da cultura digital na sociedade, desvelando vários de nossos anseios e posições sobre um eterno futuro em devir. Acredito que ela seja um elemento potente para desenhar outros imaginários e atingir através de suas estéticas, sobretudo em movimentos como o afrofuturismo e ficções produzidas fora do eixo, como no Brasil, por exemplo.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Adriana Amaral – Acredito que a ideia de metaverso, a ser explorada no novo filme da franquia Matrix, tenha possibilidade de ampliar debates, por exemplo, em torno da questão dos padrões de corpos, gêneros e as mediações tecnológicas, etc. Sempre que se fala em metaverso, a ideia senso comum é de que podemos ter diversidade. No entanto, muitas vezes vemos uma mera reprise dos padrões sociais, fato que já era apontado pelas teóricas ciberfeministas dos anos 1990, como Rosi Braidotti¹⁶, Donna Haraway¹⁷ e na poesia de Kathy Acker¹⁸, entre outras. Vejamos como Lana Wachowski vai trazer esse recorte no novo filme.

16 Rosi Braidotti (1954): Filósofa contemporânea e teórica feminista italiana. (Nota da IHU On-Line)

17 Donna Haraway (1944): bióloga, filósofa, escritora e professora nascida nos Estados Unidos. Escreveu diversos livros e artigos sobre ciência e feminismo. Entre seus textos mais destacados está o ensaio Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente no periódico *Socialist Review*, em 1985. (Nota da IHU On-Line)

18 Kathy Acker (1947-1997): foi uma romancista experimental americana, dramaturga, ensaísta e escritora pós-moderna, conhecida por sua escrita idiossincrática e transgressiva que tratava de temas como traumas infantis, sexualidade e rebelião. Ela foi influenciada pelos poetas da Escola Black Mountain, William S. Burroughs, David Antin, Carolee Schneeman, Eleanor Antin, teoria crítica francesa, misticismo e pornografia, bem como literatura clássica. (Nota da IHU On-Line)



Estética, ética e políticas universais: os desafios da promoção da cidadania no metaverso

Francisco Pimenta, pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, o principal desafio dos movimentos que atuam no metaverso «é a elaboração de novas formas de condutas estéticas, éticas e políticas com valores universais

Patricia Fachin

Antes de a ideia de “metaverso” entrar na linguagem corrente, o ambiente virtual e tridimensional que simulava a vida real e social do ser humano por meio da interação entre avatares, o Second Life, nasceu, tornou-se um “boom” na internet e desapareceu, porque, segundo Francisco Pimenta, ele “surgiu num período em que muitas dessas tecnologias ainda estavam no início de seu desenvolvimento e por isso, dentre outros motivos, não prosperou”.

Mas hoje, uma década depois, em que o metaverso ganha destaque inclusive entre as crianças que vivem no ambiente virtual do game Roblox, a própria “ideia de metaverso constitui um campo complexo de possibilidades, realizações concretas e pensamentos tecnológicos. Em termos científicos, abrange diversas áreas, em especial, é claro, a computação e várias de suas subáreas, entre elas a Realidade Virtual, que cria mundos à parte, e a Realidade Aumentada, que se integra e recria nosso ambiente cotidiano”, explica o pesquisador.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **Revista IHU On-Line**, Francisco Pimenta esclarece que o metaverso é um “conceito extremamente rico que pode ser abordado de diferentes perspectivas”. Ele o analisa a partir das obras do lógico norte-americano Charles Peirce e assegura que “a tendência de os processos de representação sígnica reproduzirem, cada vez mais, o mundo natural e criarem universos imersivos híbridos com os ambientes vividos é um movimento irreversível”.

Assim como o metaverso pode potencializar a construção de uma cidadania coletiva, a própria busca da cidadania pode ser impactada pelo desenvolvimento tecnológico. “O desafio que se coloca, de fato, aos movimentos de promoção da cidadania é a elaboração de novas formas de condutas estéticas, éticas e políticas com valores universais. Isso inclui a denúncia e superação da atual cultura de massas, que impõe seus valores particulares a todo o planeta, em direção ao respeito à autonomia de outros modos de criação sígnica. Para isso contamos, agora, com essas tecnologias”.



Francisco Pimenta é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Foi jornalista dos Diários Associados, Revista Manchete, Agência Estado, Jornal da Tarde (OESP) e tradutor. É professor titular e tutor do Grupo PET/SESu da Faculdade de Comunicação da UFJF, onde foi o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Atua no PPGCom na área de Semiótica e Epistemologia da Comunicação, pesquisando ambientes imersivos e redes sociais como bases para a disseminação de mudanças no pensamento e nos processos comunicacionais.

IHU On-Line – Dez anos atrás, o Second Life foi apresentado como uma grande inovação, que nos possibilitava viver num mundo virtual. Hoje em dia, não se fala mais nele, mas, sim, em metaverso, de modo geral. Quais são as particularidades do metaverso?

Francisco Pimenta – Essa ideia de metaverso constitui, hoje, um campo complexo de possibilidades, realizações concretas e pensamentos tecnológicos. Em termos científicos, abrange diversas áreas, em especial, é claro, a computação e várias de suas subáreas, entre elas a Realidade Virtual, que cria mundos à parte, e a Realidade Aumentada, que se integra e recria nosso ambiente cotidiano. Portanto, é um conceito extremamente rico que pode ser abordado de diferentes perspectivas. Do nosso ponto de vista, é algo interessante como processo comunicacional, mais propriamente, sócnico, pois, na nossa concepção, baseada nas obras do lógico norte-americano Charles Sanders Peirce¹, não há comunicação sem signos.

Dessa perspectiva, o metaverso é um claro exemplo da contínua evolução dos processos semióticos, ou semioses, em associação com o crescimento da área da eletrônica e, daí, da computação. Esses processos vêm evoluindo principalmente a partir da invenção do transistor e, mais tarde, dos circuitos integrados, os chips, que permitiram a miniaturização dos equipamentos, seu barateamento e disseminação. A representação dos objetos pelos meios técnicos avança, então, velozmente, facilitada, ainda, pela digitalização, que possibilitou que as antigas mídias analógicas fossem progressivamente integradas. O Second Life surgiu num período em que muitas dessas tecnologias ainda estavam no início de seu desenvolvimento e por isso, dentre outros motivos, não prosperou. Mas a tendência de os processos de representação sócnica reproduzirem, cada vez mais, o mundo natural e criarem universos imersivos híbridos com os ambientes vividos é um movimento irreversível.

IHU On-Line – Que aproximações existem entre os metaversos e as redes sociais?

Francisco Pimenta – Na realidade, eles constituem um fenômeno único e as redes sociais são apenas um dos aspectos atuais da ideia mais geral de metaverso. Como a comunicação por meio de signos é a base sobre a qual se desenvolvem, a semiótica é uma esfera privilegiada para compreender melhor essas relações. É interessante notar que todas essas metáforas giram em torno da proposta de ampliar nossa semiosfera, ou seja, o ambiente sócnico no qual estamos imersos. E expandir nosso

¹ Charles Sanders Peirce (1839-1914): filósofo, cientista e matemático norte-americano. Peirce concebia a Lógica dentro do campo do que ele chamava de teoria geral dos signos, ou Semiótica. (Nota da IHU On-Line)

universo em metaversos, por meio de vínculos, redes, que amplificam nossa noção de sociedade, é o mesmo processo expansivo que caracteriza a semiose, por meio do contínuo e irrefreável desenvolvimento de signos a partir de outros signos. É a aldeia global de McLuhan² propiciando a progressiva interação entre mentes, sejam elas ocidentais, orientais, humanas, animais ou máquinas. As distâncias físicas permanecem, mas os pensamentos se movem sem barreiras, a não ser aquelas impostas por interesses particulares, de caráter pessoal ou grupal, econômicos ou políticos.

IHU On-Line – Hoje, o metaverso mais difundido é o game Roblox, conhecido especialmente pelas crianças. Qual é a especificidade dele e suas implicações, considerando que essas crianças, que logo serão adultos, cresceram neste universo?

Francisco Pimenta – Face ao crescimento da semiosfera pela expansão dos processos sígnicos digitais, naturalmente todas as faixas etárias participam desse processo, que a todos atinge. Seria preciso a realização de pesquisas bastante complexas, envolvendo diversas áreas, para avaliar esses impactos na faixa infantil, os quais, certamente, não serão inócuos. Basta fazer um paralelo com as significativas mudanças causadas nesse público pela introdução da televisão em larga escala, um suporte comparativamente muito mais simples, para termos uma ideia do que essa tecnologia pode gerar.

Por meio da semiótica, podemos prever que essas alterações afetarão desde as esferas perceptivas, sensoriais, passando pela ampliação do universo conhecido por esses usuários infantis, implicando em outros modos de ver o mundo, até os impactos em suas capacidades interpretativas, suas competências, sendo bastante provável que as próximas gerações adquiram, crescentemente, uma maior capacidade crítica em relação ao seu próprio uso dessas tecnologias. Nunca é demais lembrar a já histórica relação entre jogos eletrônicos e as esferas da educação e do treinamento, gerando desenvolvimentos que já estão sendo explorados por empresas e pelo setor público e que, certamente, consistirão num campo de alta relevância social e econômica nas próximas décadas.

IHU On-Line – Em 2011, o senhor publicou um artigo no qual analisava o possível desenvolvimento de um movimento pela cidadania nos ambientes virtuais. Como esse movimento se de-

2 Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global da cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). Confira a edição 357 da IHU On-Line, de 11-4-2011, intitulada 100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda, disponível em <http://bit.ly/oZJlrh>. (Nota da IHU On-Line)

se desenvolveu na última década?

Francisco Pimenta – Estávamos, naquele período, em um momento com boas perspectivas para o avanço da democracia no Brasil, após nova eleição presidencial em contexto social bastante politizado, porém sem ameaças autoritárias de nenhum tipo. Esses bons sinais também surgiam em diversos países, em meio à chamada Primavera Árabe³, de oposição a ditaduras, e ao movimento Occupy Wall Street⁴ nos Estados Unidos, contra as desigualdades sociais e o crescente poder de empresas, entre elas as do Vale do Silício, tudo isso na esteira dos movimentos antiglobalização que caracterizaram a primeira década do século. Como resultado de nossas pesquisas, estávamos bastante entusiasmados com a construção coletiva de uma plataforma aberta, sobre a base constituída pelo Second Life, intitulada Open Simulator, considerando-a um indicativo de que os metaversos também seguiriam nesse sentido de construção da cidadania.

Talvez em consequência desses avanços democráticos, e em reação a eles, o que se vê, em seguida, é a disseminação de iniciativas autoritárias que, a nosso ver, visam, entre outros fins, exatamente bloquear esses movimentos coletivos sob a alegação de que atuam contra a liberdade individual e de grupos conservadores. Outro ponto de reação se disseminou com base na defesa dos costumes tradicionais em oposição ao já crescente movimento do identitarismo. Assim como havia acontecido na década anterior em relação ao nascente ciberativismo antiglobalização, que também pesquisamos durante alguns anos, essas respostas conservadoras, apoiadas por empresas, governos e diversas instituições a eles relacionadas, aos poucos, foram mudando o cenário que, hoje, se vê bastante agravado pelo retorno da extrema direita e do fascismo.

A busca da cidadania nos ambientes digitais, portanto, também se viu impactada por esses desenvolvimentos. Atuou, ainda, contra a disseminação dessas plataformas, suas próprias limitações técnicas, na medida em que os metaversos demandam grande capacidade computacional e a significativa disponibilidade de recursos exigida para isso não é o que caracteriza a luta pelos direitos sociais. Ao contrário, esses meios foram apropriados pelo grande capital e pelas próprias empresas que se desenvolveram na esfera digital, criando um novo contexto social, político e econômico que as favorecem e ampliam sua influência por meio da manipulação dos algoritmos e do *big data*, como ocorreu recentemente por

3 Primavera Árabe: os protestos no mundo árabe ocorridos de 2010 a 2012 foram uma onda revolucionária de manifestações, compreendendo o Oriente Médio e o Norte da África. Houve revoluções na Tunísia e no Egito, uma guerra civil na Líbia e na Síria; grandes protestos na Argélia, em Bahrein, em Djibuti, no Iraque, na Jordânia, em Omã e no Líbano e protestos menores no Kuwait, no Líbano, na Mauritânia, no Marrocos, na Arábia Saudita, no Sudão e no Saara Ocidental. Nos protestos, ocorriam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook, Twitter e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na internet por partes dos Estados. (Nota da IHU On-Line)

4 Occupy Wall Street (Ocupe Wall Street): é um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Iniciado em 17 de setembro de 2011, no Zuccotti Park, no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York, o movimento ainda continua, denunciando a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial. Posteriormente surgiram outros movimentos Occupy por todo o mundo. As manifestações foram a princípio convocadas pela revista canadense Adbusters, inspirando-se nos movimentos árabes pela democracia, especialmente nos protestos na Praça Tahrir, no Cairo, que resultaram na Revolução Egípcia de 2011. (Nota da IHU On-Line)

meio do microdirecionamento de dados pessoais nas eleições do Brexit, do ex-presidente Trump e, no Brasil, com Bolsonaro⁵.

IHU - Uma das correntes filosóficas em que o senhor se apoia para analisar o metaverso é o pragmatismo de Charles Peirce. Quais são as contribuições do pragmatismo nesse sentido?

Francisco Pimenta - O pragmatismo de Peirce é uma teoria do conhecimento baseada na semiótica e na ideia de que os processos signícos ocorrem amplamente na natureza e não apenas na esfera humana. Portanto, conforme dizia esse autor, nós é que estamos no pensamento, na lógica do universo, e não o pensamento está em nós. Essa perspectiva nos coloca num fluxo lógico que é autônomo em relação ao que pensamos sobre ele e que é regido por uma razoabilidade de caráter ecológico. Ou seja, nossas diretrizes não devem ser grupais ou determinadas por uma determinada cultura, e, sim, cada vez mais universais à medida que vamos superando as limitações humanas de percebê-las. Isso favorece a visão dos fenômenos sociais como processos coletivos nos quais a participação de variadas mentes interpretadoras favorece a aproximação com essa “razão”, ou lógica, do universo.

Há alguns anos, quando analisamos os metaversos com base nesse pensamento, lançamos a hipótese de que a multiplicidade de tipos de signos que os compõem, já em sua constituição formal, por suas características multicódigos, seria mais harmônica com o modo como percebemos o mundo com nossos sentidos, favorecendo, então, a disseminação das mensagens, entre elas aquelas voltadas para a construção da cidadania. Verificamos, então, que a experiência comunicativa, de fato, tornava-se muito mais imersiva com a utilização de recursos da Realidade Virtual, que potencializava a visão espacial, a interação com objetos e outros usuários, permitindo som ambiente e movimentação em tempo real, entre outros meios de se promover uma maior “sensação de realidade”. Outro fator importante nesse sentido é a interação de múltiplos usuários por

5 Jair Bolsonaro (1955): militar da reserva e ex-deputado federal nascido em Campinas (SP). De orientação política de extrema direita, conservadora e nacionalista, cumpre sua sétima legislatura na Câmara Federal. Em janeiro de 2018, anunciou sua filiação ao Partido Social Liberal - PSL, o nono partido político de sua carreira. Em 2018, foi eleito o 38º presidente da República Federativa do Brasil. Foi o deputado mais votado do estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014. Ficou conhecido pela luta contra os direitos LGBT, pela defesa da ditadura e da tortura. Seus embates contra os direitos humanos são constantes. Suas declarações controversas já lhe renderam cerca de 30 pedidos de cassação e três condenações judiciais, desde que foi eleito deputado em 1989. Documentos produzidos pelo Exército Brasileiro na década de 1980 mostram que os superiores de Bolsonaro o avaliaram como dono de uma “excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente”. Segundo o superior de Bolsonaro na época, o coronel Carlos Alfredo Pellegrino, “[Bolsonaro] tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos”. É notório o seu machismo, como evidenciam as agressões e ofensas direcionadas a suas colegas parlamentares. Seu desrespeito à condição feminina não poupou nem a filha. Em abril de 2017, em um discurso no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro fez uma menção à caçula, então com seis 6 anos: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Em uma entrevista para a revista Playboy, em junho de 2011, sua agressividade dirigiu-se aos gays: “Seria incapaz de amar um filho homossexual”. Ainda disse preferir que um filho “morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”. Em abril de 2017, durante um discurso no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, afirmou que acabará com todas as terras indígenas e comunidades quilombolas do Brasil caso seja eleito presidente em 2018. Também disse que terminará com o financiamento público para ONGs: “Pode ter certeza que se eu chegar lá não vai ter dinheiro pra ONG. Se depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo dentro de casa. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola”. (Nota da IHU On-Line)

meio de representações gráficas tridimensionais, ou “avatares”, ampliando a sensação de interferência nesses ambientes.

Experiências

Tais interações por meio de avatares com capacidade vocal se movimentando em espaços tridimensionais, predominantemente construídos pelos próprios usuários, constituem uma experiência sensível bastante diferente das trocas de mensagens escritas, permitindo a expressão de emoções e sentimentos com características de acaso, espontaneidade, imediaticidade e imprecisão. Constatamos, ainda, que as oportunidades de exposição a situações inesperadas, a contatos não programados e, daí, à necessidade de alterar, a cada momento, atitudes e interações sociais colaboravam para o desenvolvimento de novos modos de perceber o ambiente.

Também com base no pragmaticismo e na semiótica, acreditávamos que os metaversos possibilitavam a adoção de atitudes voltadas para processos comunicacionais de caráter coletivo, globalizado e instantâneo, promovendo, portanto, as pautas voltadas para a cidadania. Essa ampliação da esfera das interações existenciais foi verificada no Second Life, destacando-se, naquele período, a introdução da comunicação por voz que, além de facilitar e dar naturalidade ao processo de comunicação, acrescentava qualidades próprias da oralidade, como a intensidade, o tom, o timbre, as pausas e o ritmo. Constatamos, também, que a construção de relacionamentos num ambiente 3D, no qual avatares representam os usuários em variados aspectos, incluindo signos gestuais, favorecem a alteridade e o conflito, impelindo-os a novas atitudes com maior concretude existencial, gerando conexões bastante significativas com aquele ambiente e, portanto, conduzindo a interações ricas e diversificadas.

IHU - Que concepção de “cidadania” existe no metaverso?

Francisco Pimenta - De acordo com as pesquisas que realizamos naquele período, sobre uma possível emergência de ações relacionadas aos valores da cidadania nos metaversos e seus ambientes digitais tridimensionais e interativos, concluímos que as limitações técnicas decorrentes das altas taxas de transferência de dados restringiam a capacidade de representação de ambientes e de interações entre grupos e pessoas. Outras limitações do próprio suporte constatadas foram relativas à baixa funcionalidade do menu do Second Life destinado a comandar gestos como rir, acenar, dançar e se irritar, que conduziam a uma expressão de emoções ainda muito apoiada em signos visuais codificados, os “emoticons”, e não nos recursos tridimensionais característicos dos metaversos.

Caso os usuários adotassem a ferramenta de áudio, verificava-se um atraso nas falas, além de se perder a possibilidade do uso de programas de tradução, disponíveis nas mensagens de texto. Com isso, muitas vezes

os usuários desistiam dos recursos mais avançados e reduzia-se toda a complexidade do mundo virtual a um chat textual. Além disso, verificamos um certo apego a estéticas, ações e pensamentos particularistas. Em alguns casos, as ações eram contaminadas por uma ética com características fechadas e de cúpula, em especial decisões sobre quem podia fazer parte do grupo ou de como agir em determinada área.

Por outro lado, as características abertas, polifônicas e universais dos símbolos e demais aspectos existentes em alguns ambientes, assim como propostas e ações, mostraram a compreensão desses importantes fatores das transformações cognitivas que caracterizam os atuais processos comunicacionais em rede digital e, daí, da importância do estímulo a esses aspectos. Um dos grupos estudados, o Aire, por exemplo, buscava inserir os usuários no movimento ecológico internacional, e daí, em seus padrões de pensamento em transformação, voltados para o ambientalismo e a preservação do planeta. Assim, a preocupação demonstrada pelos grupos analisados com a veiculação de valores universais muitas vezes conduzia seus proponentes a processos comunicativos com características colaborativas e cidadãs.

IHU - Mark Zuckerberg⁶ declarou que é possível pensar o metaverso como “o sucessor da internet móvel”. Como o senhor compreende essa declaração? O que significa ver o metaverso como o futuro ou sucessor da internet?

Francisco Pimenta - A grande transformação que se espera seja realizada pelos metaversos está relacionada à imersão das mentes interpretadoras dos signos assim veiculados numa semiosfera híbrida entre o mundo virtual e os fenômenos que ocorrem fora dele em nossa vida cotidiana. Nesse sentido, faz parte de um processo que já vem ocorrendo há algumas décadas, de evolução da dominância do código verbal para sistemas multicódigos. Até muito recentemente, o meio de comunicação amplamente hegemônico de nossa espécie era o código verbal, falado e escrito, mas isso está mudando rapidamente com as possibilidades criadas pelo código binário do digital que permite integrar imagens, sons e a tatilidade, por meio de teclados sensíveis ao toque, ou de vibrações, entre outros, a essas instâncias do verbal.

Tais representações ampliadas propiciam processos perceptivos crescentemente sinestésicos, articulando diversos sentidos, ao reproduzirem múltiplas qualidades, tipos e padrões dos objetos a serem interpretados. De acordo com o pragmaticismo, transformações desse tipo, por se desenvolverem a partir do caráter estético desses signos, favorecem os processos de mudanças de hábitos e de superação de crenças e certezas que já não correspondem à dinâmica dos fenômenos exteriores àquelas mentes interpretadoras. Nada mais indicado, portanto, do que a exposi-

⁶ Mark Zuckerberg (1984): é um programador e empresário norte-americano, que ficou conhecido internacionalmente por ser um dos fundadores do Facebook, a rede social mais acessada do mundo. Em março de 2011, a revista Forbes colocou Zuckerberg na 36ª posição da lista das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna estimada em 17,5 bilhões de dólares. Em junho de 2015, sua fortuna já estava avaliada em 38,4 bilhões de dólares, em 2016 seu patrimônio líquido foi estimado em 51,8 bilhões de dólares. (Nota da IHU On-Line)

ção a processos multicódigos, se a intenção é estimular a transformação das consciências, como é o caso, por exemplo, da comunicação para a cidadania.

IHU - Alguns especulam os efeitos religiosos, educacionais, políticos e democráticos do metaverso, como um espaço que poderá mudar completamente as relações humanas no âmbito religioso, da educação e da política. Como o metaverso poderá mudar ainda mais as diversas esferas da nossa vida no futuro e nossas relações sociais? O que o senhor vislumbra nesse sentido?

Francisco Pimenta - Já há muitos anos acredito, com base no pragmatismo de Peirce, que o pensamento humano se constitui apenas como uma das partes, que conseguimos reconhecer, dos universos de regularidades que, de fato, presidem os fenômenos nos quais estamos imersos, e que muitas concepções importantes que fundamentam análises de caráter semiótico ainda estão presas ao verbal e, talvez, até mesmo ao antropocentrismo construído a partir da Renascença. Para enfrentar os desafios impostos pelo novo ambiente é preciso conceber os processos sógnicos de uma forma radicalmente nova.

Nessa perspectiva, os conceitos ligados aos metaversos, como os de Realidade Virtual e Realidade Aumentada, entre outros, que servem como bases para estes processos, são, em sua própria constituição, fenômenos sustentados em regularidades externas ao homem, da esfera da tecnologia eletrônica, e, como tais, não podem ser vistos como um mero acréscimo às linguagens arbitrárias, construídas culturalmente, de caráter verbal. Assim, para o desenvolvimento de suas potencialidades, exigem-se formas originais de organização sógnica.

Embora se desenvolva por meio da interação do verbal, incluindo sua própria iconização por meio da tipologia, as animações, sons e imagens, entre outros signos, metaversos apresentam características absolutamente originais, como a interatividade e a criação de espaços virtuais híbridos com os existenciais, que os projetam numa perspectiva muito mais ampla e analógica aos eventos que percebemos sem intermediação técnica. Mais do que isso, essas tecnologias caminham no sentido da elaboração de processos sógnicos complexos e autônomos em relação a culturas humanas de caráter particular.

Nova base técnica

Esta nova base técnica permite a superação dos meios tradicionais de expressão sógnica que, por sua própria constituição lógica, conduzem a produtos, incluindo os de massa, que reproduzem processos mentais meramente classificatórios e hierarquizantes, os quais estimulam particularidades grupais e individualistas. Esta tendência se disseminou ainda mais com o sucesso teórico do estruturalismo e do pós-estruturalismo, que impôs o modelo linguístico como

paradigma de análise e de produção signíca, e, até mesmo, como instrumento revolucionário, por meio de Foucault⁷ e Derrida⁸, entre outros.

Na verdade, a defesa de particularidades é incompatível com o respeito a valores universais. Nesse sentido, a radicalização de posturas grupais e individualistas tem levado muitas vezes a movimentos de caráter neofascista, inclusive de tendências ditas de esquerda. A afirmação do grupo, do “faschio”, tem marcado a atuação de grupos terroristas de direita nos Estados Unidos, dos movimentos anti-imigração na Europa e foi a motivação dos massacres sérvios, na antiga Iugoslávia, entre muitos outros exemplos. Atualmente, movimentos identitários devem estar atentos a essa armadilha para que não reproduzam as práticas de exclusão que denunciam.

O desafio que se coloca, de fato, aos movimentos de promoção da cidadania é a elaboração de novas formas de condutas estéticas, éticas e políticas com valores universais. Isso inclui a denúncia e superação da atual cultura de massas, que impõe seus valores particulares a todo o planeta, em direção ao respeito à autonomia de outros modos de criação signíca. Para isso contamos, agora, com essas tecnologias, que, como espero ter mostrado acima, reúnem as condições para atuar como suporte apto a expressar a complexidade de elementos que compõem o atual ambiente.

7 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada ‘História da loucura’ e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

8 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros Gramatologia (São Paulo: Perspectiva), A farmácia de Platão (São Paulo: Iluminuras), O animal que logo sou (São Paulo: Unesp), Papel-máquina (São Paulo: Estação Liberdade) e Força de lei (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria Memória, da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

Metaverso. Novas possibilidades e desafios para a Igreja

Moisés Sbardelotto acredita que esse novo ambiente poderá ampliar as formas de viver a fé, mas também as tensões para equalizar mais “catolicismos diversos”

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos e Patricia Fachin

Se compreendermos o metaverso como uma forma de vivermos numa ambiência entre mundos ou como algo capaz de nos conectar a um outro lugar enquanto permanecemos no nosso, é possível se reconhecer que, no campo da religião, da fé e do sagrado, fazemos movimentos similares. É nessa linha Moisés Sbardelotto vê no próprio processo de relação com o sagrado um ato comunicacional. “Poderíamos dizer até que o próprio rito religioso, por exemplo, é um metaverso *avant la lettre*”, resume. “Historicamente, os fiéis – independentemente da tradição religiosa – se dirigem a um lugar geolocalizado específico e, por meio de gestos, objetos e palavras ritualizados, fazem a experiência de um universo transcendente, em uma dimensão espaço-temporal sagrada que ressignifica o recinto físico do templo e a duração cronológica do rito”, relaciona.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à Revista IHU On-Line, Sbardelotto é desafiado a pensar os possíveis impactos da assunção do metaverso no espaço da fé. E, para ele, não deve haver de imediato grandes transformações no ato comunicacional desse espaço. “Pensando o metaverso como um desdobramento da comunicação digital como a conhecemos hoje, o fenômeno religioso continuará se expressando também nesse meta-ambiente digital, seja ele como for”, pontua. Porém, aponta que “a questão será como se darão esses desdobramentos e também como se constituirá a interface entre as experiências religiosas no universo religioso tradicional e no metaverso digital, ou seja, como se darão esses trânsitos e essas interlocuções”.

Mudança que, pelo que já temos visto em outras experiências de comunicação digital, fogem ao controle de quem concebe a tecnologia e da própria autoridade religiosa. No caso do cristianismo, especialmente o católico, ele arrisca que “o metaverso, com seus múltiplos universos de



comunicação também religiosa, provavelmente tornará ainda mais forte a diversidade no interior da Igreja, em termos de possibilidades de experiência da fé nos diversos contextos locais, gerando ainda mais ‘catolicismos’ diversos”.



Moisés Sbardelotto é bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com estágio doutoral na Università di Roma La Sapienza, na Itália. É professor da PUC Minas, pesquisador do Núcleo de Estudos em Comunicação e Teologia (Nect/PUC Minas), membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Grecom/CNBB. Entre suas publicações, destacamos *Comunicar a fé: Por quê? Para quê? Com quem?* (Petrópolis: Vozes, 2020), *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital* (São Paulo: Paulinas, 2017) e *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet* (Aparecida, SP: Santuário, 2012).

IHU On-Line – Como compreender o metaverso a partir do paradigma de análise da midiatização?

Moisés Sbardelotto – Como premissa para esta resposta, antes que a um “paradigma” único e unívoco, acredito que o conceito de midiatização está relacionado a “paradigmas” variados, a uma diversidade de linhagens, escolas e perspectivas de investigação, em uma complexa “plurivocidade” (Pedro Gilberto Gomes¹). Em linhas gerais, os principais

¹ Pedro Gilberto Gomes: Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, especialista em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Santiago, mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, comunicação cristã, comunicação, cultura e mídia. Atualmente exerce o cargo de Vice-Reitor da Unisinos e é Diretor da Editora da mesma Universidade. É autor de diversos livros, dos quais destacamos *Dos meios à midiatização* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017).



“paradigmas” de análise da midiatização são o sociológico-simbólico e o semioantropológico (segundo a categorização de Bernard Miège²) ou o institucional e o socioconstrutivista (segundo Andreas Hepp³). De minha parte, associado a abordagens mais semioantropológicas e socioconstrutivistas (de acordo com tais categorizações), compreendo a midiatização como um processo histórico e complexo de transformações comunicacionais articuladas com transformações socioculturais.

Tal perspectiva da midiatização possibilita entender a comunicação em sua processualidade, não apenas como uma ação social sobre elementos simbólicos ou tecnológicos, mas como a inter-relação dinâmica entre esses três níveis. Por outro lado, possibilita entender a comunicação em sua historicidade: comunicação e tecnologia, por exemplo, desde sempre estão intimamente interligadas e se desenvolvem mutuamente; por isso, a tecnologia não é uma irrupção contemporânea e recente nos processos comunicacionais, mas é tão antiga quanto os primeiros registros humanos, como as pinturas rupestres, manifestando-se de formas diferenciadas e específicas ao longo da história. Daí, por fim, a complexidade da midiatização, que, a partir de tais redes de relações, faz emergir mídias, entendidas não como meros elementos externos a nós – como aparatos tecnológicos (o televisor, por exemplo) ou empresas de informação (o canal de televisão “X”) – mas como sistemas-ambientes socioculturais de comunicação, nos quais agimos e somos “agidos”, em aceleração e abrangência cada vez maiores.

Levando-se em conta essa “perspectiva de longo prazo da midiatização” (Eliseo Verón⁴), ela pode ser entendida como um metaprocessos (Friedrich Krotz⁵) de transformações evolutivas dos dispositivos socio-técnicos e sociossimbólicos que os seres humanos foram desenvolvendo historicamente desde as suas origens para dar sentido à realidade e se

2 Bernard Miège (1941): é um teórico da mídia francês. Professor Emérito de Comunicação e Ciência da Informação na Stendhal University em Grenoble. Ele foi educado na Universidade de Paris, tanto em estudos políticos quanto em economia. Ele tem um Ph.D. em economia (Paris) e outro Ph.D. em humanidades. É autor de trabalhos e pesquisas nas áreas da indústria cultural, tecnologias da informação e comunicação na sociedade e nas organizações e a análise das teorias da comunicação. (Nota da IHU On-Line)

3 Andreas Hepp: é professor de mídia e comunicações e chefe do ZeMKI, Centro de Pesquisa em Mídia, Comunicação e Informação, Universidade de Bremen, Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

4 Eliseo Verón (1935 - 2014): foi um semiótico, sociólogo e filósofo argentino. Sua formação é de filósofo e sociólogo. Verón procurou elaborar uma síntese entre psicanálise, marxismo e linguística estrutural. Estudou a comunicação associada a fatores políticos e discursos sociais nos meios de comunicação, e adotou uma interpretação ideológica dos meios de comunicação. Da linguística, ele retirou os fundamentos para usar nas ciências sociais, sua referência foi a obra de Ferdinand Saussure, Verón seguiu a trajetória de seu professor Claude Lévi-Strauss. Com Carlos E. Sluzki, diretor do Centro de Pesquisas Psiquiátricas do serviço de Neuropsiquiatria da Policlínica de Lánus, pesquisou os comportamentos e os sistemas de representação, relacionando a psicanálise com a teoria da comunicação. Verón também abordou questões epistemológicas e a teoria de Weber e Parsons. (Nota da IHU On-Line)

5 Friedrich Krotz: professor e pesquisador de Teorias e estudos de mídia e comunicação, estudos culturais, mudança na mídia, midiatização, recepção e uso da mídia, mídia, política e sociedade, métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa e estudo da ciência. (Nota da IHU On-Line)



inter-relacionar - e, portanto, se comunicar. Entretanto, do ponto de vista observacional, é a contemporaneidade que evidencia a midiáticação como objeto de reflexão comunicacional.

O conceito teórico ganhou força nos anos 1980, com o advento da internet e da digitalização, período que marcou um ponto de saturação e bifurcação desse processo, na transição de sociedades “midiáticas” (dinamizadas fortemente pelos meios de comunicação de massa, como televisão, rádio e jornal) para uma configuração social inovadora. Outras instituições sociais (como governos, empresas, igrejas, universidades, partidos políticos, sindicatos, associações etc.) também passaram a desenvolver processos midiáticos próprios, não dependendo mais da chamada “grande mídia” para se comunicar socialmente. Além disso, indivíduos comuns, sem vinculação com os meios de comunicação tradicionais nem com outras instituições sociais, também emergiram na cena midiática, autonomizados pelas tecnologias e linguagens digitais. Com isso, âmbitos sociais diversos começaram a agir segundo lógicas e dinâmicas midiáticas.

Intensificação do fenômeno da midiáticação

Nas sociedades contemporâneas, crescentemente urbanizadas, industrializadas e globalizadas, portanto, ocorre uma maior evidenciação do fenômeno da midiáticação, tornando-o mais observável empiricamente nas práticas sociais. Mais recentemente, observa-se uma complexificação ainda maior da tríade “meios/instituições/sujeitos sociais” (analisada pioneiramente por Verón), com a emergência de uma série de plataformas digitais de comunicação que transformaram o cenário midiático, como Facebook (2004), YouTube (2005), Twitter (2006), Netflix (2007), WhatsApp (2009), Instagram (2010), Tik Tok (2016), entre outras.

Nos anos 1980, portanto, foram as transformações comunicacionais fomentadas pelo surgimento da internet que geraram ao longo do tempo uma série de transformações socioculturais que estamos vivendo atualmente, revelando um crescente processo de midiáticação. Hoje, por sua vez, o fenômeno da pandemia, ao provocar diversas transformações socioculturais no modo de vida contemporâneo (principalmente a partir da necessidade de distanciamento por questões de saúde e do desejo de fazer coisas à distância por questões de conforto e praticidade), demanda



novas transformações comunicacionais, que já começam a emergir, como o próprio metaverso.

Metaverso

A partir dessa primeira premissa mais ampla sobre uma perspectiva evolutiva da midiatização, decorre uma segunda, diretamente relacionada com a sua pergunta: o metaverso (ainda) não existe. Ainda não temos as tecnologias necessárias para torná-lo viável do modo como vem sendo anunciado, ou ao menos elas ainda não existem de forma satisfatória, seja do ponto de vista da infraestrutura para possibilitar a convivência “metaversal” de bilhões de usuários nesse ambiente, seja do ponto de vista da chamada “interoperabilidade” entre as várias plataformas digitais que darão forma a essa infraestrutura.

O Facebook, por exemplo, prevê a existência efetiva de um metaverso somente daqui a 10-15 anos⁶. Mark Zuckerberg⁷, fundador da empresa, em uma recente entrevista ao *The Verge*⁸, questionado a respeito, afirmou: “Eu adoraria repassar vários casos de uso em mais detalhes, mas, em geral, acho que o metaverso será uma grande parte do próximo capítulo da indústria de tecnologia”. Mesmo assim, a empresa anunciou, em setembro passado, um investimento de 50 milhões de dólares na pesquisa e no desenvolvimento do metaverso “de forma responsável”⁹.

Portanto, seria irrazoável fazer previsões de algo que poderá ocorrer – se ocorrer – de forma mais perceptível apenas a partir de 2030. Tratar-se-ia de mera futurologia, com todo o risco de ser rapidamente frustrada e desmentida. Em relação ao metaverso, só temos a certeza de que caminhamos rumo a “novas incertezas”, parafraseando Edgar Morin. Entretanto, temos algumas pistas, ao menos, de como o metaverso vem sendo pensado e concebido desde já – e, a partir disso, podemos levantar algumas hipóteses à luz da midiatização.

Na entrevista citada, Zuckerberg projetou que, no metaverso, as pessoas poderão “experimentar uma sensação muito mais forte de presença

6 Cf. <https://about.fb.com/news/2021/09/building-the-metaverse-responsibly/>. (Nota do entrevistado)

7 Mark Zuckerberg (1984): é um programador e empresário norte-americano, que ficou conhecido internacionalmente por ser um dos fundadores do Facebook, a rede social mais acessada do mundo. Em março de 2011, a revista *Forbes* colocou Zuckerberg na 36ª posição da lista das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna estimada em 17.5 bilhões de dólares. Em junho de 2015, sua fortuna já estava avaliada em 38.4 bilhões de dólares, em 2016 seu patrimônio líquido foi estimado em 51,8 bilhões de dólares. (Nota da IHU On-Line)

8 Cf. <https://www.theverge.com/22588022/mark-zuckerberg-facebook-ceo-metaverse-interview>. (Nota do entrevistado)

9 Cf. <https://about.fb.com/news/2021/09/building-the-metaverse-responsibly/>. (Nota do entrevistado)



com as pessoas de que gostam, com as pessoas com as quais trabalham, com os lugares em que querem estar”. Segundo ele, o metaverso será uma “internet encarnada”. Ou seja, será fruto daquilo que já estamos experimentando digitalmente hoje, mas em dimensões ainda não conhecidas: será o caldo tecnocultural para uma vida pessoal e social ainda mais conectada em suas várias dimensões.

Um universo de universos

Pretende-se que o metaverso seja um universo de universos físico-digitais onde as pessoas poderão se encontrar – independentemente de onde estejam geograficamente – de forma híbrida e tridimensional, não apenas olhando para telas planas, mas também e principalmente por meio de softwares, aplicativos e tecnologias de realidade virtual, ampliada e/ou hologramática. Já vemos algo nesse sentido hoje com tecnologias como o Google Lens, o Ray-Ban Stories ou o Oculus Quest 2, estes dois últimos desenvolvidos em parceria com o próprio Facebook, e de experiências digitais como Pokémon Go, Horizon, Fortnite, dentre outros, que, entre suas limitações e potencialidades, manifestam alguns elementos de “metaversalidade”.

Com um maior desenvolvimento de tais tecnologias e plataformas nos próximos anos, será possível fazer a experiência do movimento físico-corporal em ambientes digitais e do encontro não apenas “face a face a distância” (como já fazemos hoje em videoconferências), mas propriamente “corpo a corpo a distância”. Assim, poderemos nos sentir “corporalmente” presentes nesse universo digital, por meio de uma articulação entre a realidade físico-biológica geolocalizável e as experiências de realidade virtual e ampliada, em um único espaço online compartilhado. A presença de uma pessoa se desvinculará ainda mais da sua localização.

Metaverso enquanto ‘mídia’

A partir da perspectiva processual, histórica e complexa da mídia-tização, podemos entrever o metaverso como uma “mídia” emergente na qual a vida humana se constituirá, isto é, como uma rede de relações sócio-tecno-simbólicas, como um sistema-ambiente sociocultural de comunicação. No entanto, assim como nenhuma outra mídia “caiu do céu”, o metaverso também será o desdobramento das potencialida-



des ou a superação das limitações das mídias atuais. Como o Facebook reconhece, o metaverso não surgirá da noite para o dia, nem será um “produto” que uma única empresa poderá construir, mas se trata de um “sucessor” da internet como a conhecemos, que envolverá parcerias entre as principais plataformas e, principalmente, a participação da sociedade em geral, em seus diversos níveis, para “habitá-lo”. Nós já estamos fazendo parte dessa evolução gradual rumo a um futuro metaverso neste exato momento.

Em outras palavras, o surgimento do metaverso não ocorrerá apenas por um processo de inovação tecnológica por parte de empresas como o Facebook, mas também depende de invenções socioculturais, que são complexas, imprevisíveis e indeterminadas. A infraestrutura tecnológica do metaverso será oferecida por tais empresas, mas só poderá ser concebida a partir do acompanhamento de certas tendências comunicacionais da sociedade (muitas das quais já estamos vivendo neste tempo de pandemia e de distanciamento). Por sua vez, quando o metaverso estiver estabelecido, as futuras tendências – a partir das práticas comunicacionais pessoais e sociais nesse novo ambiente – desempenharão um papel significativo na evolução e na transformação do próprio metaverso ao longo do tempo, a partir dos usos e apropriações específicos e conjunturais que a sociedade promoverá sobre essa “internet reinventada”.

Em suma, pensar o metaverso na perspectiva da midiatização é pensá-lo com suas processualidades, historicidades e complexidades, como algo que já está sendo constituído pelo ser humano e pela vida social hoje, pelo modo como agimos no e sobre o digital, e que, uma vez estabelecido, reconstituirá, por sua vez, o próprio ser humano e a vida social como os conhecemos, agindo sobre nós. Essas “intertransformações” comunicacionais e socioculturais são indeterminadas e imprevisíveis aprioristicamente, embora a emergência de certas “metaversalidades” já possam ser observadas local e conjunturalmente.

IHU On-Line – De que forma podemos pensar o fenômeno religioso em perspectiva com o metaverso?

Moisés Sbardelotto – De modo geral, a relação entre os seres humanos e a transcendência, o divino, o sagrado, é um processo comunicacional. Desde os primórdios da humanidade, o ser humano, ao buscar se relacionar com tais realidades, fez isso também por meio de ações comunicativas. A comunicação, por sua vez, à luz da midiatização, é um processo que ocorre mediante meios e mediações, desde os gestos e a fala,



“Face ao crescimento da semiosfera pela expansão dos processos sígnicos digitais, naturalmente todas as faixas etárias participam desse processo, que a todos atinge”

passando pela palavra escrita, até chegarmos recentemente a toda a ecologia da comunicação digital. Como *Homo religiosus* e, ao mesmo tempo, *Homo technologicus*, o ser humano busca se comunicar com o transcendente – e, por sua vez, também comunicar o transcendente a outros – por meio de todas as mediações e os meios possíveis e disponíveis em cada período histórico.

Poderíamos dizer até que o próprio rito religioso, por exemplo, é um metaverso *avant la lettre*. Historicamente, os fiéis – independentemente da tradição religiosa – se dirigem a um lugar geolocalizado específico e, por meio de gestos, objetos e palavras ritualizados, fazem a experiência de um universo transcendente, em uma dimensão espaço-temporal sagrada que ressignifica o recinto físico do templo e a duração cronológica do rito. Nessa dimensão ritual e cômica, comunicam-se com seres divinos ou mesmo pessoas que já se encontram no “além da vida”, tudo por meio de técnicas e tecnologias próprias para isso (discursos, sons, músicas, artes, textos, livros, símbolos, objetos cômicos etc.). Seja no templo ou à beira de um rio sagrado, esse lugar se transforma no “centro do mundo” (Mircea Eliade¹⁰), um espaço sagrado por excelência, onde os diversos níveis cósmicos se comunicam.

O ser humano, portanto, evolui por meio da sua própria experiência comunicacional e tecnológica, que não estão desvinculadas da sua experiência religiosa. Elas se inter-retroalimentam, para evocar Morin.

10 Mircea Eliade (1907- 1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões, para chegar às origens, que se situariam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu mestrado em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um ashram em Rishikesh, ao pé do Himalaia, na Índia. Em 1933, voltou à Universidade de Bucareste e obteve o doutorado com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'q Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi professor de História das Religiões na Universidade de Chicago, Estados Unidos. Foi também honoris causa em numerosas universidades de todo o mundo, além de premiado em 1977 pela Academia Francesa com a Legião de Honra. Sua interpretação essencial para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. Em Eliade, o conceito de hierofania corresponde às manifestações do sagrado, desde aquelas mais elementares, como, por exemplo, sua manifestação num objeto qualquer, em uma pedra ou uma árvore, até a sua forma suprema, que, para um cristão, seria a manifestação de Deus no homem Jesus Cristo, residindo aí um ato misterioso: a manifestação de algo divino em objetos que fazem parte de nosso mundo material, “profano”. (Nota do IHU On-Line).



Se ao longo da história dependemos de gestos, discursos, cantos, músicas, livros, imagens, fotografias, filmes, para poder perceber e ao mesmo tempo expressar de forma mais profundamente humana a experiência do sagrado, isso também continua ocorrendo em tempos de cultura digital e provavelmente continuará ocorrendo com ainda mais profundidade e complexidade nos futuros tempos de metaverso.

Metaverso, propriamente, e religião

Pensando o metaverso como um desdobramento da comunicação digital como a conhecemos hoje, o fenômeno religioso continuará se expressando também nesse meta-ambiente digital, seja ele como for. O metaverso poderá emergir como um ambiente de relação com o sagrado, pois no fundo se tratará de um ambiente de relação entre pessoas, que portam consigo uma dimensão religiosa e espiritual, de abertura e de busca de um “algo mais”. No metaverso, do modo como ele vem sendo anunciado, poderá haver ritos celebrados com mediações intrarrituais (gestos, palavras, objetos) que poderão ser percebidas e sentidas a distância, por meio de uma macromediação extrarritual, ou seja, todo o aparato tecnológico que permitirá a “presença metaversal” em um rito celebrado em outro espaço geográfico – uma forma de presentificação digital em um espaço ritual geolocalizável. Se assim for, teremos uma complexificação da experiência histórica e tradicional do fenômeno religioso.

A questão será como se darão esses desdobramentos e também como se constituirá a interface entre as experiências religiosas no universo religioso tradicional e no metaverso digital, ou seja, como se darão esses trânsitos e essas interlocuções. E isso não vai ser definido nem pelas empresas de tecnologia digital, nem pelas instituições religiosas ou suas autoridades, nem pelos fiéis, mas sim por um complexo jogo de inter-relações entre os vários âmbitos sociais e culturais, que já está ocorrendo hoje e se desdobrará ainda mais nos próximos anos.

IHU On-Line – No que toca ao cristianismo, especialmente o católico, o que se pode esperar de mudanças em relação à liturgia em ambientes como o do metaverso? Como ficam as questões



relativas ao sacramento no metaverso?

Moisés Sbardelotto - Não sendo um especialista em liturgia e sacramentos, minha resposta será do ponto de vista comunicacional, entendendo a liturgia e a celebração dos sacramentos como um processo de comunicação com Deus e ao mesmo tempo com os irmãos e irmãs de fé. Nesse sentido, acredito que a pandemia já trouxe à tona alguns elementos que revelam, de alguma forma, aquilo que o metaverso complexificará ainda mais na comunicação litúrgica. Destaco apenas dois pontos centrais nesse sentido: o “onde” e o “com quem” se celebra.

O primeiro deles diz respeito às noções de espacialidade e de presencialidade. O período de pandemia já pôs em xeque tais experiências, principalmente devido ao fechamento dos templos e à “reabertura” das casas graças ao ambiente digital. Os ritos passaram a ser transmitidos a distância, e as pessoas puderam manter o contato com suas comunidades a partir de dentro da própria casa. Nessas experiências, o espaço sagrado passou por uma reconfiguração.

Acredito que o metaverso irá tornar essa questão ainda mais candente, pois a nossa experiência do espaço digital não será apenas em duas dimensões, na frente de uma tela plana, mas sim em três ou até mais dimensões. O “distante” não será experimentado como um simulacro ou como uma representação virtual em bits e pixels, mas como uma espacialidade geográfica ressignificada digitalmente, em várias dimensões e em vários ângulos de experiência. Mesmo sem estarmos presentes fisicamente em um determinado lugar, no metaverso poderemos fazer uma experiência “envolvente e circundante” de um espaço a distância, graças às possibilidades tecnológicas que vêm sendo anunciadas.

Isso favorecerá, por sua vez, uma presencialidade na interface entre o físico-biológico e o tecnológico-digital. Zuckerberg, na mesma entrevista, afirma que o metaverso possibilitará uma sensação de presença mais natural no ambiente digital, pois será possível se sentar como um holograma no sofá da casa de um amigo que está a quilômetros de distância, ou o amigo poderá se sentar como um holograma no sofá da nossa casa. Poderemos “coestar” com pessoas que estão longe de nós, em um “agora” compartilhado, independentemente de fusos horários e do tempo cronológico, e também em um “aqui” físico-digital ressignificado para além dos pontos geográficos em que cada participante se encontre.

Com isso, como dizíamos, a presença de alguém em um dado rito não apenas se desconectará cada vez mais da sua localização objetiva, mas também poderá favorecer uma participação mais “sensível” nos eventos



online, sendo assim também mais percebida pelos outros participantes. Entretanto, do ponto de vista da “comunicação sacramental”, o que está em jogo é a ideia do “hic et nunc”, do “aqui e agora” necessários para a celebração e a vivência de um sacramento. E esse “aqui e agora” é entendido pela teologia tradicional como um mesmo tempo cronológico e um mesmo espaço geográfico. Com isso, a vivência dos sacramentos provavelmente continuará sendo impossibilitada no metaverso, assim como já ocorre em relação ao rádio, à televisão e à internet.

Corporalidade e relacionalidade

O segundo aspecto que poderá sofrer alterações é a experiência da corporalidade e da relacionalidade. O período de pandemia já revelou que o corpo não fica escanteado em nossas relações comunicacionais em rede, mas permanece como mediação básica de todo contato. A questão é que se trata de um corpo não mais experimentado em suas dimensões tradicionais, mas ressignificado a partir das linguagens e das condições de existência que o ambiente digital possibilita. Isso se relaciona diretamente com a experiência do contato com o outro.

No metaverso, poderemos entrar em formas de relação interpessoais talvez muito mais íntimas e presentificadas do que aquelas que já podemos fazer neste período de pandemia nos ambientes digitais que temos hoje. Pois, no metaverso, não nos relacionaremos com avatares (como os dos atuais jogos digitais) nem com um mero rosto alheio “achatado” na reconstrução gráfico-imagética em duas dimensões, mas sim com uma forma de “presença autêntica” do corpo alheio em várias de suas dimensões. Provavelmente poderemos percebê-lo em sua altura, largura e profundidade físico-biológicas reconstruídas digitalmente e poderemos ouvir a sua voz não apenas em dois canais estéreos, mas por meio de uma experiência de som ambiente, surround, em múltiplos canais.

Em um possível metaverso, portanto, nosso corpo continuará presente como meio de comunicação básico, e continuaremos fazendo experiência do mundo, dos outros e da realidade a partir dele. Não se tratará de um corpo “virtual” ou apenas “ampliado”, mas de um corpo “teleonipresente”, que poderá se deslocar de forma instantânea ao longo do espaço geolocalizável e também digitalmente experienciável, mediante “teletransporte”, como promete Zuckerberg. Entretanto, hoje, embora possamos fazer inúmeras coisas conectados, com os nossos corpos geograficamente distanciados, ainda não podemos comer o mesmo pão do mesmo prato ou



beber o mesmo vinho do mesmo cálice juntos em uma dada plataforma digital, e o metaverso provavelmente não conseguirá superar essa barreira. E essa, como se sabe, é uma experiência litúrgica fundamental.

Sem sacramentos “teletransportados”

As implicações disso, do ponto de vista litúrgico, são as mais diversas. Os sacramentos demandam sinais sensíveis e materiais para sua celebração, que passam pelo corpo e pelos sentidos corporais objetivos. Isto é, a vivência da eucaristia passa por um comer e beber que devem tocar o nosso paladar de forma objetiva, sensível e material; o batismo passa pela imersão na água (ou ao menos o derramamento dela) de forma objetiva, sensível e material; e assim por diante. No metaverso, os elementos objetivos, sensíveis e materiais não poderão ser “teletransportados” nem experimentados digitalmente.

Portanto, essas serão limitações para a vivência dos sacramentos, segundo a teologia tradicional. Exceto que a reflexão teológica avance a ponto de reconhecer como válidas sacramentalmente tais experiências comunicativas e sensoriais ressignificadas digitalmente, assim como o “aqui e agora” que as categorias socioculturais da sociedade do século XXI vêm desenvolvendo hoje, graças aos desenvolvimentos tecnológicos recentes.

Basta lembrar que a própria celebração da missa mudou (e muito) ao longo da história. Embora certos grupos defendam a chamada “missa de sempre”, a celebração da eucaristia passou por diversas transições e transformações históricas. Portanto, a “missa de hoje” também pode mudar para corresponder às experiências culturais contemporâneas e futuras. Como Francisco afirma na *Evangelii gaudium* (n. 33), é preciso abandonar o cômodo critério pastoral que afirma: “Sempre se fez assim”. Talvez o metaverso demandará que se supere esse critério também no âmbito litúrgico. Só o tempo (futuro) dirá.

A liturgia como um metaverso

Por fim, é preciso relembrar que a própria liturgia também é uma experiência “metaversal”, em certo sentido. Como afirma a Sacrosanctum concilium, a liturgia terrena nos permite degustar (*praegustando*) e participar, aqui e agora, da Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém,



glorificando ao Senhor junto com todos os seres celestiais e os Santos (SC 8). Com nossa corporeidade físico-biológica, comunicamo-nos no e com o universo “metaterreno”. Para isso, recorremos a “sinais sensíveis” que significam (*signa sensibilia significantur*) tais realidades sagradas (SC 7). No metaverso, continuaremos recorrendo a “sinais sensíveis” audiovisuais e talvez até de outras ordens para significar a realidade, que, por sua vez, nos permitirão fazer experiência de outros universos terrenos e – por que não? – “metaterrenos”.

IHU On-Line – O que se pode projetar em termos de mudança aos processos de midiatização do catolicismo, levando-se em conta as tecnologias de comunicação digital atuais e as que surgirão como metaverso?

Moisés Sbardelotto – É difícil tentar fazer qualquer projeção em relação às tecnologias de comunicação digital atuais e as que surgirão no metaverso, pois estão em jogo questões que envolvem um processo extremamente complexo e indeterminado como a própria midiatização, assim como movimentos histórico-culturais que se desdobram e evoluem de uma forma nada linear, muito menos previsível (por exemplo, ninguém, poucos meses antes, foi capaz de projetar que estaríamos vivendo esta situação pandêmica tão duradoura).

Entretanto, fazendo um exercício de generalização e extrapolação daquilo que é possível constatar a partir de outras transições de época históricas, podemos esperar – frisando bem o termo “esperar”, pois não há nenhuma garantia disto – que o processo de midiatização do catolicismo se dará por meio daquilo que Verón chamava de “rupturas de escala” em termos de velocidade e de alcance. Isto é, a midiatização faz com que as práticas de comunicação se tornem cada vez mais velozes e também cada vez mais abrangentes, seja do ponto de vista do alcance geográfico, seja do ponto de vista do alcance dos sujeitos envolvidos nos processos midiáticos. Trata-se de experiências comunicacionais cada vez mais difusas e diferidas (José Luiz Braga¹¹). Ou seja, a midiatização traz à tona

¹¹ José Luiz Braga: professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos desde 1999. Graduado em Direito, com especialização em Ciências Políticas, é mestre em educação e doutor em Comunicação. Foi professor no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade de Brasília (UnB), tendo sido, nesta última, diretor da Faculdade de Comunicação. (Nota da IHU On-Line)



sempre uma abrangência e uma complexificação dos modos pelos quais a sociedade se comunica consigo mesma.

Possibilidades de experiência da fé

Com isso, acredito que o metaverso, com seus múltiplos universos de comunicação também religiosa, provavelmente tornará ainda mais forte a diversidade no interior da Igreja, em termos de possibilidades de experiência da fé nos diversos contextos locais, gerando ainda mais “catolicismos” diversos. Ao mesmo tempo, por outro lado, poderá favorecer uma maior interconectividade entre as inúmeras Igrejas locais e seus fiéis, no intercruzamento de fronteiras geográficas e eclesiásticas, fortalecendo a experiência da catolicidade para além das possíveis diferenças. Justamente por isso, se tratará de uma Igreja cada vez mais diversa e complexa em suas várias dimensões.

Isso poderá fomentar revisões significativas na concepção e no papel de questões como autoridade, comunidade, identidade, ritualidade católicas. Isto é, em um contexto cada vez mais acelerado e abrangente – e, portanto, cada vez mais interconectado, diverso, descentralizado, autônomo – como se equilibrarão as relações de poder dentro da Igreja? Como se dará a participação das pessoas no corpo eclesial? Como se definirá a catolicidade pessoal ou coletiva? Como se regularão os modos de celebrar? A questão-chave, nesse caso, é justamente como equilibrar a tensão entre unidade e diversidade católicas nos vários universos de vida físicos e digitais que o metaverso evidenciará.

IHU On-Line – Considerando as múltiplas frentes do catolicismo, com suas composições e diversidade, a despeito da unidade litúrgica, qual pode ou deve ser o papel do Vaticano e do Papa neste contexto?

Moisés Sbardelotto – Parafrazeando o próprio Papa Francisco, eu poderia responder perguntando: “Quem sou eu para julgar o que o Vaticano e o papa podem ou devem fazer nesse contexto?”. Pelo contrário, acredito que o papa está no caminho certo ao defender uma “salutar descentralização” (EG 16) na tomada de decisões sobre as questões eclesiais. E acredito que isso será ainda mais importante em relação às futuras



possibilidades do metaverso. A Igreja local e o bispo local estarão em melhores condições para oferecer saídas para as questões que surgirem, à luz das suas culturas (digitais ou não) e sensibilidades próprias. Afinal, embora falemos de “ambiente digital” e de “cultura digital” no singular, sabemos que existem inúmeros ambientes digitais diferentes e heterogêneos, assim como inúmeras culturas digitais diferentes e heterogêneas, não apenas em nível mundial, mas também dentro de um mesmo país como o Brasil, ou inclusive no interior de suas próprias regiões.

Além disso, será fundamental que a Igreja faça um empenho maior em refletir sobre as questões do digital. Esse esforço vem sendo feito de forma difusa ao longo dos últimos anos, particularmente nas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais e em alguns parágrafos específicos das últimas encíclicas papais. Entretanto, ainda falta uma reflexão comunicacional mais orgânica, articulada, aprofundada, com foco na pastoral, especialmente levando-se em conta que a Igreja está enfrentando uma verdadeira “Reforma digital” (Elizabeth Drescher¹²), na qual é a própria cultura que exige que a Igreja repense e revise a sua própria pastoral à luz dos desafios contemporâneos.

Não seria descabido afirmar a necessidade de um Sínodo sobre a comunicação em tempos de midiatização, plataformização e metaverso, principalmente retomando aquilo que os bispos latino-americanos e caribenhos já afirmaram em 1979, no Documento de Puebla: “A evangelização, anúncio do Reino, é comunicação” (n. 1.063). A questão é justamente reconhecer as recentes e grandes transformações pelas quais a ação de comunicar vem passando desde então, de modo cada vez mais acelerado, o que, por sua vez, acarreta grandes transformações também na concepção e na prática da evangelização.

IHU On-Line – Como conciliar o fenômeno religioso em sua dimensão comunicacional em um ambiente altamente tecnológico como o metaverso e, por outro lado, o trabalho pastoral com as comunidades empobrecidas?

Moisés Sbardelotto – Uma questão central nesse sentido é justamente saber como se dará o acesso e a experiência do metaverso. Que tecnologias serão necessárias para isso? Quem poderá ter acesso a elas? Quais serão os custos financeiros para tal acesso e experiência? Qual

¹² Elizabeth Drescher: PhD em religião, trabalha com a temática religião na vida cotidiana, professora no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Santa Clara, nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)



será a contrapartida demandada pelas empresas que oferecerão a infraestrutura para o metaverso? São todas questões fundamentais para pensarmos também a pastoral com pessoas empobrecidas, que provavelmente não terão acesso nem poderão – assim como não têm e nem podem hoje, muitas vezes – custear a sua experiência nesses ambientes digitais.

Por isso, também no metaverso será preciso atentar para as possíveis novas formas de exclusão de quem não poderá ter acesso a tais ambientes. O risco é de que surjam novas brechas digitais, que ampliem a distância entre uma “elite digital” e os “descartados digitais”, em função de critérios socioeconômicos. Trata-se, no fundo, daquilo que o Papa Francisco¹³ já denuncia hoje como uma “cultura do descarte”, que também existe em relação às questões digitais.

Por outro lado, o metaverso também poderá oferecer uma maior acessibilidade, do ponto de vista da possibilidade de fazer experiências religiosas a distância para pessoas que talvez não poderiam fazê-lo de outra forma, devido aos custos de deslocamento e transporte a determinados locais. O mesmo vale para as pessoas com deficiências diversas, que poderão, graças ao metaverso, experimentar uma forma de presença e participação mais intensas em ritos midiaticizados, talvez até se “teletransportando” aos principais centros da fé, apesar de suas limitações.

Nem essencial e sem opcional

É importante reiterar, porém, que o digital não é nem essencial nem opcional para o trabalho pastoral na cultura contemporânea. Sem dúvida, é necessário acompanhar os desdobramentos da cultura digital do ponto de vista pastoral, para que seja possível aquele diálogo entre fé e cultura tão caro à tradição da Igreja. Entretanto, o próprio metaverso, neste caso, não será essencial para a ação evangelizadora. Justamente na preocupação da Igreja com os excluídos, os marginalizados, os periféricos, também do ponto de vista digital haverá muitas pessoas “jogadas à beira do metaverso”, das quais a Igreja deverá cuidar e servir, fazendo-se próxima, como fez o

13 Papa Francisco (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. Em maio de 2018 a revista IHU On-Line nº 522 publicou a edição A virada profética de Francisco – Uma “Igreja em saída” e os desafios do mundo contemporâneo, em que uma série de entrevistados internacionais debateram os cinco anos do pontificado de Bergoglio. Uma série de entrevistas e conferências foram realizadas durante o XVIII Simpósio Internacional IHU. A virada profética de Francisco, e podem ser acessadas no link <http://bit.ly/2MqSsne>. A edição 465 da revista IHU On-Line analisou os dois primeiros anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. Leia, ainda, a edição Amoris Laetitia e a ‘ética do possível’. Limites e possibilidades de um documento sobre ‘a família’, hoje, disponível em <http://bit.ly/1SseNSc>, e a edição O EComenismo de Laudato Si’, disponível em <http://bit.ly/1S6Luik>. (Nota da IHU On-Line)



Bom Samaritano. E isso só será possível “para além” do metaverso, por meio de outras práticas pastorais.

Ao mesmo tempo, os ambientes digitais – pela sua importância na cultura contemporânea – devem ser levados em consideração pela pastoral, e a Igreja deverá se sentir culpada diante do seu Senhor se não se fizer presente também no metaverso, parafraseando a famosa frase de São Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*. Por isso, a Igreja precisa abandonar a lógica da substituição (“ou isto ou aquilo”) e assumir uma lógica da complementaridade: a evangelização diz respeito a todos os seres humanos e ao ser humano como um todo, e o desafio é ser uma Igreja “companheira de estrada”, como pede o Papa Francisco, nas múltiplas estradas humanas, incluindo as digitais – sem negligenciar todas as demais.

IHU On-Line – O que pode significar ser católico no metaverso? O que implica ser educador e educando para a fé no metaverso?

Moisés Sbardelotto – Trata-se de um paradoxo: por um lado, o metaverso não mudará nada e, por outro, mudará tudo. Acredito que não mudará nada porque ser cristão é seguir a Jesus Cristo sendo discípulo-missionário em todo o tempo e lugar. Portanto, também no metaverso esse desafio permanece constante, assim como foi em diversos outros períodos históricos.

Entretanto, o modo de viver na prática esse segmento não é o mesmo sempre nem em todo o lugar. O metaverso poderá gerar uma realidade ainda mais complexa e heterogênea do ponto de vista social, cultural e religioso, o que demandará de cada cristão e cristã uma coerência de vida ainda maior e um testemunho ainda mais consistente dos valores do Evangelho, independentemente dos ambientes (digitais ou não) em que se encontrar.

E a educação para a fé passa principalmente pelo exemplo, pela atração, e não pelo proselitismo, como o Papa Francisco reitera continuamente. Por isso, onde quer que um cristão esteja – seja neste universo que já conhecemos ou em um possível metaverso – ele será reconhecido pelo amor que tiver ao próximo (cf. Jo 13,35).



Metaverso e religiosidade. Limites e possibilidades de uma imanência virtual

Phyllis Zagano analisa dimensões ligadas à religiosidade e como elas estão conectadas a aspectos que passarão a fazer parte da realidade expandida do metaverso

Ricardo Machado | Tradução: Isaque Gomes Correa

O metaverso - ou melhor, o que tende a se transformar no metaverso - é capaz de abarcar todas as dimensões da vida, inclusive as religiosas, mesclando a realidade concreta à digital. Muito embora ainda não sejamos capazes de prever o que significará ser católico no metaverso, algumas dimensões sobre a religiosidade em ambientes virtualizados já fazem parte do nosso cotidiano.

É por isso que a doutora e pesquisadora Phyllis Zagano aponta que certos aspectos da religiosidade já têm sido vividos “virtualmente há muitos anos, primeiro via rádio e, mais recentemente, via televisão. O aspecto tridimensional da realidade virtual, combinado com o acesso desenfreado à sua ‘realidade’ via internet, é a novidade. De qualquer forma, embora toda a experiência seja essencialmente subjetiva, há uma possibilidade cada vez maior de combinar realidade com ‘desrealidade’ ou combinar a realidade com a realidade imaginada”, explica.

Ainda que algumas dimensões possam ser vividas no ambiente digital, nem todas o são. “O catolicismo centra-se no ritual, sacramento e atenção pessoal ao indivíduo. Os sacramentos não podem ser administrados virtualmente. Consideremos o sacramento dos enfermos, ou do testemunho de um casamento, ou batismo. Eles podem ser gravados e transmitidos, publicamente ou em privado, mas necessitam da presença real, não virtual. Não há ‘sacramentos eletrônicos’”, pondera Zagano.

Além disso, considerando as profundas desigualdades testemunhadas em todo o globo, o papel de evangelização depende, na opinião da entrevistada, do encontro pessoal. “A evangelização depende do ministério. E o ministério não pode estar contido em um *headset* de realidade virtual, ou em um rádio, televisão ou computador. Algumas formas de ministério e evangelização foram efetuadas via Zoom (missas, pregações, orientação espiritual individual e aconselhamento pastoral), mas elas são mais eficazes quando as pessoas participam desses ministérios em pessoa”, frisa.



Phyllis Zagano, Ph.D., é pesquisadora e professora adjunta de religião na Universidade Hofstra, em Hempstead, no estado de Nova York. Autora ou editora de 24 livros e centenas de ensaios acadêmicos e populares, ela foi membra da inicial Pontifícia Comissão para o Estudo do Diaconato das Mulheres (2016-2018) e é considerada a principal especialista no assunto. De 1987 a 1997, lecionou na Faculdade de Comunicação, na Escola de Teologia e no Programa de Relações Internacionais da Universidade de Boston, Massachusetts, onde também foi diretora do Instituto para a Comunicação Democrática.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o chamado metaverso refunda (ou ao menos reorganiza) as bases sobre as quais compreendemos a existência humana?

Phyllis Zagano – Esta pergunta envolve metafísica e epistemologia. Entendemos o real (metafísica) pelas formas como conhecemos o real (epistemologia). Temos atualmente uma outra função intelectual, a compreensão do que veio a se chamar “realidade virtual”. A “realidade virtual” é grandemente composta por nossas imaginações pessoais e reações ao que vemos, agora em três dimensões com *headsets* especiais. Em certo sentido, a realidade virtual combina conceitos de realidade objetiva e de como avaliamos o que é real naquilo que não é real.

IHU On-Line – Que pistas podemos seguir para pensar o fenômeno religioso em perspectiva com o metaverso?

Phyllis Zagano – A religião, como todo o restante, depende da participação e da percepção. Os agrupamentos religiosos (igrejas, sinagogas, mesquitas) podem ser agora vivenciados virtualmente em três dimensões e com sistemas de som *surround*. Na verdade, eles vêm sendo vividos virtualmente há muitos anos, primeiro via rádio e, mais recentemente, via televisão. O aspecto tridimensional da realidade virtual, combinado com o acesso desenfreado à sua “realidade” via internet, é a novidade. De qualquer forma, embora toda a experiência seja essencialmente subjetiva, há

“De qualquer forma, embora toda a experiência seja essencialmente subjetiva, há uma possibilidade cada vez maior de combinar realidade com “desrealidade” ou combinar a realidade com a realidade imaginada”

uma possibilidade cada vez maior de combinar realidade com “desrealidade” ou combinar a realidade com a realidade imaginada, tal como já conhecemos quando ouvimos rádio ou assistimos televisão.

IHU On-Line – Quais parecem ser as diferenças cruciais entre o que hoje são as missas on-line e o que será no futuro uma celebração litúrgica no metaverso?

Phyllis Zagano – Além das considerações da resposta acima, as pessoas agora terão a sensação de vivenciar a “realidade” em que irão praticamente sentir, ouvir e, em algum momento no futuro, irão ter o cheiro da igreja ou capela em que estão “sentadas”.

IHU On-Line – Como o metaverso vai transformar os atuais ministérios? Poderia haver a criação de novos?

Phyllis Zagano – Penso que, assim como vários agrupamentos religiosos se adaptaram, e continuam se adaptando, ao rádio, à televisão e à internet, eles irão encontrar formas de criar ministérios dentro da realidade virtual do metaverso.

IHU On-Line – Como o metaverso reorganiza ou desconstrói o sentido que damos à paróquia?

Phyllis Zagano – Assim como em toda a pandemia de Covid-19, quando as pessoas frequentavam celebrações nas igrejas de suas escolhas, escolhendo os pregadores, a música, etc. ao seu gosto, o metaverso irá continuar e realçar as possibilidades de reorganização dos agrupamentos religiosos, sejam as paróquias, sejam as dioceses. A analogia mais próxima seria a dos evangelistas de televisão e rádio cujas “paróquias”

“Assim como em toda a pandemia de Covid-19, quando as pessoas frequentavam celebrações nas igrejas de suas escolhas, o metaverso irá continuar e realçar as possibilidades de reorganização dos agrupamentos religiosos, sejam as paróquias, sejam as dioceses”

cruzem as fronteiras geográficas. Lembremos, no entanto, que já houve a criação de uma diocese não territorial, a prelazia pessoal do Opus Dei.

IHU On-Line – No que toca ao catolicismo, considerando suas múltiplas frentes, composições e relativa diversidade, a despeito da unidade da litúrgica, qual pode ou deve ser o papel do Vaticano neste contexto?

Phyllis Zagano – A Santa Sé, especificamente o Pontifício Conselho para os Textos Legislativos, deveria revisar o Cãnone 831.2, do Código de Direito Canônico (1983), que regula a participação de clérigos e religiosos/as em transmissões de rádio e TV que tratam dos ensinamentos doutrinários católicos. Os clérigos e religiosos/as devem ter a permissão de seu bispo diocesano, ou do bispo diocesano do lugar em que a transmissão se origina, para falar nesses meios. A adição da “internet”, com a especificação das “mídias sociais”, deveria ser acrescida a este cânone. Além disso, as comissões apropriadas das várias conferências episcopais deveriam atualizar suas Normas Complementares a respeito do Cãnone 831.

IHU On-Line – Como ficam as questões relativas ao sacramento no metaverso?

Phyllis Zagano – O catolicismo centra-se no ritual, sacramento e atenção pessoal ao indivíduo. Os sacramentos não podem ser administrados virtualmente. Por exemplo, embora seja perfeitamente aceitável um confessor permitir que um penitente use um aparelho auditivo ou outro dispositivo quando da celebração de uma reconciliação sacramental em pessoa, a confissão por telefone ou via internet não é permitida. Conside-

remos o sacramento dos enfermos, ou do testemunho de um casamento, ou batismo. Eles podem ser gravados e transmitidos, publicamente ou em privado, mas necessitam da presença real, não virtual. Não há “sacramentos eletrônicos”.

IHU On-Line – Mais ainda, em um mundo constituído pelo metaverso, o que significa pensar o papel do catolicismo em um contexto global radicalmente desigual, uma vez que os setores mais conservadores tendem a lançar mão da tecnologia em benefício próprio, ao passo que o trabalho com as comunidades empobrecidas tende a se dar fora desse espaço?

Phyllis Zagano – O Papa Francisco gosta de indicar que a periferia é o centro. Eu compreendo este conceito como a realidade da humanidade. A Igreja depende de sua membresia, e sua membresia depende do ministério. A evangelização genuína não depende do rico, que frequentemente confunde questões políticas com interesses religiosos. A evangelização depende do ministério. E o ministério não pode estar contido em um *headset* de realidade virtual, ou em um rádio, televisão ou computador. Algumas formas de ministério e evangelização foram efetuadas via Zoom (missas, pregações, orientação espiritual individual e aconselhamento pastoral), mas elas são mais eficazes quando as pessoas participam destes ministérios em pessoa. Aqueles que usam a tecnologia exclusivamente não estão nem ministrando nem afetando as perspectivas dos empobrecidos; a maioria das pessoas que confundem ensinamentos religiosos com crenças políticas não é ouvida pelos pobres.

IHU On-Line – O que pode significar ser católico no metaverso?

Phyllis Zagano – Resta saber ainda.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Phyllis Zagano – Os leitores interessados podem ver trechos do meu artigo: Virtual reality and the coming Catholic Metaverse (<https://www.ncronline.org/news/opinion/just-catholic/virtual-reality-and-coming-catholic-metaverse>).

Leila Sousa - Minha tese em quatro perguntas



Leila Sousa é professora do curso de jornalismo da UFMA/Imperatriz. Doutora em Ciências da Comunicação – Unisinos, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona/Espanha. Vice-coordenadora do Núcleo de estudo, pesquisa e extensão em comunicação, gênero e feminismos: Maria Firmina dos Reis. Sua tese é intitulada *Aprender-sendo: cidadania comunicativa e existências comunicacionais de mulheres negras de Codó e Imperatriz, no Instagram*.

Qual o tema da sua tese?

A tese discute as perspectivas de raça, gênero e cidadania a partir de um olhar para as escritas produzidas por mulheres negras do interior do Maranhão, no Instagram. Nela, observo como a comunicação é usada como ferramenta para a produção de cidadania e para a construção de novas existências discursivas.

Quais foram os resultados?

No Instagram, as mulheres produzem cidadania em escritas que visibilizam diversas questões: produzem vídeos compartilhando saberes sobre seus corpos e enaltecendo a beleza negra. Através de textos, imagens e vídeos, denunciam e confrontam o racismo estrutural e as desigualdades de gênero. Atuam na construção de novas existências por meio da comunicação.

Qual problema ela discute?

O questionamento central da pesquisa é: como e de que forma mulheres negras das cidades de Codó e Imperatriz utilizam o Instagram na construção de existências comunicacionais? A partir dele, problematizo as táticas e estratégias comunicacionais desenvolvidas pelas mulheres para repositonar e reenquadrar discursos e imagens sobre si.

Quais seus interesses de pesquisa?

Ao terminar o doutorado assumi a vice-coordenação do Núcleo de estudos Maria Firmina dos Reis - grupo de estudos da UFMA/Imperatriz que tem atuado fortemente na educação antirracista. Entre nossos interesses de estudo estão a comunicação e as perspectivas de gênero, raça e cidadania.



Desbravar o futuro: A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk

Neste texto, Rodrigo Petronio retoma o pensamento de Peter Sloterdijk e sua compreensão em torno do que é o ser humano tal como descreve o autor: “um animal enraizado em uma experiência predeterminada de excêntrica”. Outra dimensão importante neste debate é a antropotécnica, que é desenvolvida ao longo de toda a sua obra. “No sentido antropológico, o homem não é apenas aquele que nega o meio pela técnica. É aquele que, por meio da técnica, também se nega a si mesmo como natureza, tornando-se plástico e apto a assumir novas fisionomias e habitar novas antropofanias”, propõe.



Rodrigo Petronio é escritor e filósofo, atua na fronteira entre literatura, comunicação e filosofia. É autor, organizador e editor de diversas obras. Professor Titular da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP. Doutor pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



A trajetória metodológica suscitadora de Jesús Martín-Barbero

Na fase histórica contemporânea, os problemas metodológicos nas ciências da comunicação apresentam condições potentes para reflexão e aprofundamento de aspectos cruciais, considerando as transformações socioculturais, tecnológicas e midiáticas que vivemos. As trajetórias paradigmáticas de Jesús Martín-Barbero na pesquisa em comunicação configuram elementos interessantes para a construção de uma epistemologia histórica da comunicação, contribuindo também para a estruturação de procedimentos operacionais de pesquisa dos meios.



Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre é professor titular Catedrático do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Realizou Pós-Doutorado em Comunicação na Universidade Autônoma de Barcelona. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP. Recebeu o prêmio Honra ao Mérito em Investigação da Cátedra UNESCO-UMESP-SP no ano de 2006 pelo conjunto da obra sobre América Latina.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação

O trabalho examina o desenvolvimento histórico do capitalismo e suas feições atuais, concluindo que a lógica desse sistema engendra uma sucessão de crises, reais em suas consequências humanas, mas provocadas. O catastrofismo que se instala, justificando políticas de austeridade, não condena o sistema: ele constitui uma artimanha política que converte a gestão da crise em uma técnica de governo e de controle sobre entes políticos e agentes sociais, somada à maior liberdade concedida aos movimentos do capital.



Luiz Inácio Gaiger é doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain; é Colaborador Voluntário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos de São Leopoldo, RS, além de Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) desde 2000.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



“Ecologia com espírito dentro”: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno

O tema deste ensaio é “Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno”, abordado desde uma perspectiva etnográfica. A expressão “ecologia com espírito dentro” faz uma brincadeira com a definição de Tim Ingold, da Antropologia, de “filosofia com gente dentro”. Mas também pretende apontar a irredutibilidade e a pertinência da categoria de sobrenatureza quando o assunto é pensar a crise ambiental planetária desde uma perspectiva etnológica.



Nicole Soares-Pinto é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (2009). Pesquisa entre povos indígenas de língua tupi-tupari (Wajuru) e língua macro-jê (Djeoromitxi), rio Guaporé/sudoeste amazônico, desde 2007.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



O trabalho humano no magistério do Papa Francisco

O presente artigo tem por finalidade apresentar uma análise sobre a temática do trabalho no magistério do Papa Francisco. São explorados três aspectos que, como vastos canteiros de obras, podem contribuir para a renovação das reflexões em torno do tema: a dignidade do trabalho; a relação trabalho e ecologia; e, finalmente, a renda básica universal, na linha da revitalização da justiça distributiva. Não são canteiros separados. Ao invés, devem ser compreendidos como elos interligados que, além das partes específicas, têm áreas comuns e que se retroalimentam permanentemente.



André Langer possui graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná.

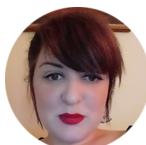


Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero

Esse trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, foi colocada à luz a obra *Da Liberdade do Cristão*, de Lutero, contendo os seus principais pontos. No segundo capítulo, foi tratada a noção de angústia em Kierkegaard, sendo aqui a principal fonte a obra *O conceito de angústia*. Sucintamente, nesta obra, Kierkegaard se refere à angústia como uma forma de adquirir a salvação. No terceiro capítulo, foi realizado o diálogo entre Lutero e Kierkegaard, em que este defende a liberdade de consciência como sendo uma liberdade com uma paixão tão distinta que estamos dispostos a arriscar tudo por ele e concomitantemente sacrificar tudo por ele.



Heloisa Allgayer possui graduações em licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, mestrado em Filosofia pela Unisinos e doutorado em Biologia pela Unisinos. Realizou estágio pós-doutoral na mesma instituição com iteração de dados para investigar a relação entre Akodon e Deltamys.



Rafael Francisco Hiller possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e graduação em Bacharelado em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil - Ulbra. Especialização em História da Filosofia pela Unisinos. Mestrado em Ciências da Comunicação pela Unisinos e Mestrado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul - UCS.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web

Edição 290 - Ano XI - 20-4-2009

Entender melhor a formação de redes sociais na web, a partir do uso de ferramentas como Twitter, Facebook, My Space e Orkut, é o tema desta edição da IHU On-Line. À época da publicação, março de 2009, o Facebook atingiu mais de 200 milhões de pessoas registradas, confirmando-se como a maior comunidade on-line do mundo.



Biologia sintética. O redesenho da vida e a criação de novas formas de existência

Edição 429 – Ano XIII – 15/10/2013

Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea foi o tema desta edição da revista IHU On-Line.



Cultura Pop. Na dobra do óbvio, a emergência de um mundo complexo

Edição 545 – Ano XIX – 18/11/2019

Ultrapassar a aparência imediata de produtos da cultura popular oferece inúmeras camadas de compreensão da sociedade, tanto em suas dimensões éticas – valores e princípios – quanto em sua dimensão estética – da reconfiguração do bom e do belo.



UNISINOS

ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br



twitter.com/_ihu



bit.ly/faceihu



bit.ly/instaihu



bit.ly/youtubeihu